

Este é um livro que foi
impresso reaproveitando
velhas folhas de fotocópias.

Por isso tem o dobro do tamanho.

Recicle este tipo de papel usando-o como rascunho, imprimindo no verso, etc.

Ajude de toda forma a reciclagem e reaproveite o “lixo” doméstico.

Economize água e energia elétrica. Não custa apenas para o seu bolso a construção de mais usinas de energia (hidrelétricas, térmicas, nucleares).

Prefira produtos de cooperativas populares. É mais caro, mas o resultado desta produção vai direto para todos os produtores.



Os revisores são os próprios leitores. Caso encontre algum erro, contate-nos.

Editora Barba Ruiva

<http://ruivabarba.googlepages.com/home>

ruivabarba@gmail.com

Impresso no Brasil – 2007



Outros livros desta Editora:

- *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis
- *O Abolicionismo*, Joaquim Nabuco
- *O Anticristo*, Friedrich Nietzsche
- “1984”, George Orwell
- *Investigação Acerca do Entendimento Humano*, David Hume

Copyleft: todos os direitos liberados.

SENHORES E SERVOS

Leon Tolstói

Tradução: Gulnara Lobato de Morais Pereira

INTRODUÇÃO

Leon Tolstói - Um Místico Moderno

Em Tolstói, reconhecido como um dos maiores escritores de todos os tempos, o individualismo e a paixão conviviam com desejos de transformação espiritual que o levaram, no fim da vida, a um anarquismo cristão oposto a toda autoridade eclesiástica e política.

Lev Nikolaievitch, conde de Tolstói, nasceu na propriedade rural da família, em Iasnaia-Poliana, província de Tula, em 9 de setembro (28 de agosto pelo calendário juliano) de 1828. Com a morte prematura dos pais, foi educado por preceptores. Em 1844, ingressou na Universidade de Kazan, mas três anos depois, decepcionado com o ensino formal, voltou a Iasnaia-Poliana para administrar a propriedade e conduzir a própria educação. Atraído pela agitação social de Moscou e São Petersburgo, não foi muito bem-sucedido em seus propósitos. Em 1851, o sentimento de vazio existencial levou-o a juntar-se ao irmão, soldado no Cáucaso. No ano seguinte, alistou-se e lutou bravamente contra tribos montanhesas. É dessa época seu primeiro trabalho publicado, *Detstvo* (1852; *Infância*), que denota a influência do inglês Laurence Sterne.

Transferido, participou da guerra da Criméia, experiência descrita em *Sevastopolskiie rasskazi*

· Fonte: *Nova Enciclopédia Barsa*, vol.14, São Paulo, 1997.

· Outros registros: Liev, Leão. (N. do E.)

(1855; *Contos de Sebastopol*). Com o fim da guerra, em 1856, voltou a São Petersburgo, onde foi recebido como ídolo pelos círculos literários. Irritado com o assédio, voltou a Iasnaia-Poliana. Em 1857, esteve na França, Suíça e Alemanha. As críticas às histórias baseadas nessas viagens abalaram seu interesse pela literatura. Mesmo assim, entre 1855 e 1863, escreveu contos que prenunciavam suas concepções posteriores sobre os danos que uma sociedade materialista causa à pureza humana.

No final da década de 1850, preocupado com a precariedade da educação no meio rural, Tolstói criou em Iasnaia uma escola, para os filhos dos camponeses da região, cujos métodos anteciparam a educação progressiva moderna. Movido pelo novo interesse, o escritor viajou mais uma vez pela Europa, publicou uma revista sobre educação e compilou livros didáticos de grande aceitação. Em 1862, casou-se com Sônia Andreievna Bers, jovem com amplos interesses intelectuais com quem teve 13 filhos. Durante quinze anos, dedicou-se intensamente à vida familiar.

Foi nessa época que Tolstói produziu os romances que o celebrizaram - *Voina i mir* (1865-1869; *Guerra e paz*) e *Anna Karenina* (1875-1877). O primeiro, que consumiu sete anos de trabalho, é considerado uma das maiores obras da literatura mundial. A narrativa gira em torno de cinco famílias aristocráticas durante as guerras napoleônicas. As passagens mais criticadas do romance são aquelas em que o autor expõe sua concepção determinista da história, segundo a qual as ações dos chamados "grandes homens" dependem das ações de incontáveis figuras

anônimas ou menos proeminentes, o que significa que não há livre-arbítrio. O vigoroso otimismo de *Guerra e paz*, fruto da convicção de que o esforço pessoal poderia levar a um modo de existência aberto tanto à natureza quanto às responsabilidades sociais, sofreu uma sensível quebra, que transparece em *Anna Karenina*. A descrição de um amor adúltero, que termina em tragédia pelo peso da hipocrisia social, constituiu o reflexo da profunda crise espiritual em que Tolstói se encontrava imerso.

Embora feliz no casamento e bem-sucedido como escritor, Tolstói atormentava-se com questões sobre o sentido da vida e, após desistir de encontrar respostas na filosofia, na teologia e na ciência, deixou-se guiar pelo exemplo dos camponeses, que lhe diziam que o homem deve servir a Deus e não viver para si mesmo. Convencido de que uma força inerente ao homem lhe permite discernir o bem, formulou os princípios que doravante norteariam sua vida. Recusou a autoridade de qualquer governo organizado e da Igreja Ortodoxa russa (que o excomungaria em 1901), o direito à propriedade privada e, inclusive, no terreno teológico, a imortalidade da alma.

Para difundir suas idéias, nos anos seguintes Tolstói dedicou-se, em panfletos, ensaios e peças teatrais, a criticar a sociedade e o intelectualismo estéril. A crônica autobiográfica *Ispoved* (1882; *Uma confissão*) descreve seus tormentos naqueles anos e como os superou mediante um cristianismo evangélico e peculiar. *Tsarstvo bojiie vnutri vas* (1891; *O reino de Deus está em ti*) expõe sua crença na não-resistência ao mal e conclui que os governos existem para o bem dos ricos e

poderosos, que, pela força, exploram a humanidade e a matam em guerras. Em *Chto takoe iskusstvo?* (1897; *Que é a arte?*), tentativa de elaborar um sistema estético consoante tais convicções religiosas e morais, Tolstói afirma que, se não consegue "infectar" o público com o essencial da alma do artista, a obra falhou enquanto arte. Por isso, ele rejeita algumas obras de Shakespeare e Wagner, além de relegar seus próprios grandes romances à categoria de "má arte". O texto considera a arte religiosa como a mais elevada forma artística.

O gênio de Tolstói brilhou ainda na criação de uma série de contos, como *Smert Ivana Ilitcha* (1886; *A morte de Ivan Ilitch*), *Kreitserova sonata* (1889; *A sonata de Kreutzer*) e *Joziain i rabotnik* (1895; *Senhores e Servos*), em que suas idéias não aparecem de forma explícita, mas são sugeridas graças à maestria das análises psicológicas. Em 1889, surgiu o romance *Voskreseniie* (1900; *Ressurreição*). Considerado inferior aos anteriores, é uma poética descrição da relação amorosa entre um nobre e uma jovem que, por ele seduzida, se prostitui.

Após sua "conversão", Tolstói dedicou-se a uma vida de comunhão com a natureza. Deixou de beber e fumar, tornou-se vegetariano e passou a vestir-se como camponês. Convencido de que ninguém deve depender do trabalho alheio, buscou a auto-suficiência e passou a limpar seus aposentos, lavrar o campo e produzir as próprias roupas e botas. Em nome da castidade, procurou dominar os desejos carnis em relação à esposa. Engajou-se em atividades filantrópicas e foi a contragosto que viu sua casa atrair visitantes interessados em suas idéias e cercada de colônias

de discípulos que pretendiam viver segundo seus ensinamentos.

Sua esposa conseguiu obter os direitos sobre as publicações do marido anteriores a 1880 e reeditou-as por conta própria, para manter o nível econômico da família. Por essa razão, alguns escritos notáveis dessa época só foram publicados postumamente. Num rasgo final de independência, aos 82 anos de idade, Tolstói abandonou a casa em companhia de Aleksandra, sua médica e filha mais nova, em busca de um lugar onde pudesse sentir-se mais próximo de Deus. Dias depois, em 20 de novembro (7 pelo calendário juliano) de 1910, Tolstói morreu de pneumonia na estação ferroviária de Astapovo, província de Riazan.

Corria a década de 1860-1870. Na manhã seguinte ao dia de São Nicolau do inverno, festa da paróquia, Vassílii Andréitch Brekhunov, negociante da segunda *gilde*¹, não podia ausentar-se: precisava estar na igreja - era o tesoureiro e presidente eleito da paróquia - e tinha também que receber e hospedar em sua casa os parentes e os amigos. Mas quando as últimas visitas o deixaram, Vassílii Andréitch considerou-se logo no dever de preparar-se para sair: dispunha-se a ir à casa de um proprietário das redondezas para comprar-lhe uma floresta que há muito tempo já vinha pretendendo negociar.

Vassílii Andréitch apressava-se, pois receava muito que os mercadores da aldeia vizinha viessem privá-lo daquele vantajoso negócio. O jovem proprietário pedia dez mil rublos pela floresta só porque Vassílii Andréitch lhe havia oferecido sete mil. Ora, esses sete mil rublos não representavam senão a terça parte do valor real da floresta. Vassílii Andréitch talvez ainda conseguisse um pequeno abatimento - pois a floresta se encontrava na sua zona e ficara, desde longa data, combinado entre todos os mercadores do distrito, que nenhum deles poderia subir os preços na região reservada ao seu vizinho -, mas tinham-lhe dito que os compradores de matas da capital da província estavam resolvidos a vir

¹ A classe dos negociantes: na Rússia, era dividida em três *guildes*, de acordo com a importância da patente. (N. da T.)

negociar a floresta de Goriátchkino. Resolveu, portanto, partir sem demora e fechar o negócio com o proprietário.

Assim, pois, mal terminou a festa, apanhou no seu cofre setecentos rublos, acrescentou-lhes mais dois mil e trezentos da caixa da igreja que retinha em seu poder, para perfazer dessa maneira três mil rublos, contou cuidadosamente o dinheiro, meteu-o na carteira e preparou-se para partir. Seu empregado Nikita, o único dos assalariados de Vassílii Andréitch, que não estava embriagado naquele dia, correu a atrelar o trenó.

Nikita não estava embriagado naquele dia justamente porque tinha o vício da bebida e depois de ter vendido, para beber, suas botas e roupas novas, fizera voto de não provar mais álcool e, de fato, depois do começo da Quaresma havia já dois meses que não bebia; resistira mesmo à tentação daqueles dois dias de festa, durante os quais vira a aguardente jorrar à sua volta.

Nikita, natural da aldeia vizinha, tinha cinqüenta anos e passara a maior parte de sua vida trabalhando nas casas e nas terras dos outros; esse não é um proprietário, diziam, referindo-se a ele. Por toda parte o estimavam devido ao seu amor ao trabalho, à sua habilidade, à sua força e principalmente à sua bondade e ao seu gênio agradável; nunca, porém, ficava muito tempo num emprego, pois duas vezes por ano ou, até com mais freqüência, dava para beber; e então não só se despojava de tudo o que possuía para saciar o vício, como se tornava briguento e desordeiro. Vassílii Andréitch, também ele, já o havia inúmeras vezes posto na rua; mas voltava, entretanto, a dar-lhe trabalho por causa da sua

honestidade, da sua bondade para com os animais e, principalmente, por causa das suas modestas exigências: Vassílii Andréitch pagava a Nikita não oitenta rublos, salário normal de um trabalhador, mas quarenta apenas, e mesmo estes eram, ainda por cima, pagos a Nikita em pequenas parcelas e quase sempre não em dinheiro, mas em mercadorias que o armazém de Vassílii Andréitch lhe cedia a preços altíssimos.

Marfa, a mulher de Nikita, dona-de-casa esperta e prestimosa que em seus tempos de moça havia sido muito bonita, trabalhava em casa com um filho adolescente e duas filhas. Marfa não insistia para que Nikita morasse com eles, primeiro porque vivia havia 20 anos com um toneleiro de outra aldeia, hóspede da casa dela, e segundo porque se fazia o que queria do marido quando este não bebia, temia-o mais que ao fogo quando o via bêbado. Tendo se embriagado certo dia em casa, Nikita, provavelmente para vingar-se do domínio que a mulher exercia sobre ele quando estava sóbrio, quebrou-lhe a canastra, apoderou-se de seus mais belos adornos, tomou de um machado e picou em pedacinhos todos os seus vestidos e trajes típicos.

Todo o dinheiro ganho por Nikita era entregue diretamente à mulher, e Nikita não protestava nunca. Assim fora daquela vez: dois dias antes da festa, Marfa veio à casa de Vassílii Andréitch e apanhou no seu armazém farinha de trigo, chá, açúcar, meia garrafa de vodca, três rublos ao todo, mais cinco rublos em dinheiro. E agradeceu a Vassílii Andréitch por tudo isso, como se ele lhe houvesse feito um grande favor; entretanto, este lhe devia uma vintena de rublos, calculando bem por baixo.

- Nós não temos contrato, não é? - dizia Vassílii Andréitch a Nikita. - Se tens necessidade de alguma coisa, leva, e me pagarás com trabalho. Em minha casa não é como nas outras: espera um pouco, depois descontos e mais acréscimos. Aqui conosco a honra é que vale. Estás trabalhando para mim e eu não te abandono.

Assim falando, Vassílii Andréitch estava sinceramente convencido de que era o benfeitor de Nikita: tal era a sua força de persuasão que, a começar por Nikita, os que dependiam de seu dinheiro cultivavam nele essa convicção de que não enganava ninguém, mas a todos cobria de benefícios.

- Sim, compreendo, Vassílii Andréitch; eu creio que trabalho e me esforço o mais que posso, como se o fizesse por meu pai. Compreendo muito bem - respondia Nikita - sabendo perfeitamente que Vassílii Andréitch o enganava e sentindo ao mesmo tempo que era inútil tentar sequer desembrulhar suas contas com ele, mas que era preciso continuar ali, enquanto não aparecesse outro emprego e aceitar o que lhe davam.

Agora, tendo recebido ordem de atrelar, Nikita, alegremente como sempre e cheio de boa vontade, dirigiu-se ao galpão com aquele passo rápido e leve que lhe era peculiar, embora andasse com os pés para dentro como um ganso. Retirou do prego de onde pendia o freio pesado ornado de pompons e fazendo retinir as barbelas, penetrou no estábulo onde estava preso à parte dos outros, o cavalo que Vassílii Andréitch lhe dera ordem para atrelar.

- Então como é? Estás caceteado? Estás caceteado, bichinho? - disse Nikita em resposta ao

afetuoso relincho com que o saudou o garanhão Baio, de crina preta, de estatura média, bem conformado, de ancas ligeiramente caídas, que se encontrava só no estábulo.

- Vamos! Vamos! Não te apresses. Espera que te dê de beber. Falava com o cavalo exatamente como se falasse com um homem. Tendo limpado com a aba do seu gabão o lombo do cavalo, lombo roliço cortado ao meio por uma espécie de sulco pelado e poeirento, enfiou a bela e jovem cabeça do garanhão por dentro do cabresto, libertou as orelhas e a crina e levou-o a beber.

Nem bem deixou com passos cautelosos o estábulo cheio de esterco, o Baio se pôs a caracolar e a dar voltas, como quem quisesse pregar um par de coices em Nikita, que o acompanhou correndo até o poço.

- Começa com brincadeiras, começa com brincadeiras, patife! - dizia Nikita, que sabia muito bem com que prudência o Baio lançava a perna traseira não para magoá-lo, mas apenas para tocar-lhe, à guisa de brinquedo, a peliça curta e sebenta, e que gostava muito desse costume do cavalo.

Depois de beber a água gelada, o cavalo suspirou, sacudindo os beiços firmes ainda molhados, de onde gotas transparentes caíam dentro do cocho; depois, quedou-se imóvel, como que mergulhado em suas reflexões, e de súbito bufou ruidosamente.

- Se não queres mais, tanto pior; eu o saberei. Não venhas depois pedir mais - disse Nikita, explicando sua conduta ao Baio com a maior seriedade e com todos os detalhes; e voltou correndo para o galpão, puxando pelo cabresto o

jovem animal que, cheio de alegria, empinava e enchia o pátio de ruídos.

Todos os empregados estavam ausentes; não havia no pátio senão um estranho, o marido da cozinheira, que viera para a festa.

- Vai perguntar ao amo, minh'alma, a que trenó devo atrelar o cavalo - pediu-lhe Nikita. - Se ao maior, ou ao menor?

O marido da cozinheira entrou na casa coberta de lâminas de ferro, construída sobre altos alicerces e logo reapareceu, trazendo ordem para que atrelassem o cavalo ao trenó pequeno. Nikita, durante esse tempo, já havia colocado no cavalo o peitoral e a pequena sela tauxiada. Levando numa das mãos a leve dugá² pintada e puxando com a outra o animal, dirigiu-se para os dois trenós que estavam no galpão.

- Pois bem, atrelemo-lo ao pequeno - murmurou, colocando entre os timões o inteligente animal, que fingia o tempo todo querer mordê-lo.

Quando tudo estava quase pronto e só faltava ajustar as rédeas, Nikita disse ao marido da cozinheira que lhe trouxesse do celeiro um feixe de palha e a manta de pano de saco.

- Assim a coisa vai bem! Vamos, vamos, não é preciso eriçar-se - dizia Nikita, amontoando no trenó a palha de aveia recém-batida que acabava de lhe ser trazida.

- E agora, vamos estender a serapilheira e por cima a manta. Assim, assim; assim ficaremos bens instalados - dizia ele e fazia como dizia, dobrando as pontas da manta por sob a palha amontoada em torno do assento.

² Espécie de canga que se coloca sobre o pescoço do cavalo. (N. da T.)

- Pronto, aí está! Obrigado, minh'alma - agradeceu Nikita, dirigindo-se ao marido da cozinheira. - A dois a coisa vai mais rápida.

E, tendo desembaraçado as rédeas de couro que terminavam por uma argola, Nikita saltou sobre o rebordo do trenó e através do pátio coberto de esterco gelado, dirigiu para o portão grande o valente animal que só queria uma coisa - trotar.

- Tio Nikita! Tiozinho! Eh, tiozinho! - gritou com voz esganiçada um meninozinho de sete anos metido numa peliça preta, de gorro de pele e botinhas de feltro branco novas em folha, que saíra da casa a correr.

- Leva-me contigo - pediu ele, abotoando às pressas a peliça curta.

- Corre, vem depressa, meu pombinho - respondeu-lhe Nikita e, detendo o cavalo, fez subir no trenó o filho do amo, cujo rostinho pálido e magro iluminou-se de alegria. Saíram para a rua.

Era mais de duas horas. Fazia frio - uns dez graus abaixo de zero - e o dia estava nublado; ventava. A metade do céu estava coberta por uma nuvem baixa e sombria. No pátio, o ar estava calmo, mas na rua o vento soprava com bastante força; varria a neve amontoada sobre o telhado do galpão vizinho e formava redemoinhos a um canto, junto à casa de banhos.

Nem bem Nikita, tendo transposto o portão, parou diante do alpendre, Vassílii Andréitch, cigarro na boca, metido numa peliça de carneiro ajustada bem abaixo da cintura por um cinto muito apertado, atravessou o vestíbulo, fazendo ranger sob as botas de feltro revestidas de couro, a camada de neve endurecida que recobria o alpendre. Parou, tragou uma última baforada de

fumo, atirou fora a ponta do cigarro, esmagou-a com o pé e, soltando a fumaça através da bigodeira, examinou o cavalo com o rabo do olho, enquanto dobrava para dentro a gola da peliça em redor do rosto vermelho completamente escanhado, à exceção do bigode, a fim de que seu hálito não molhasse a pele.

- Vejam só aquele gaiato! Já está lá - disse, ao dar com o filho no trenó.

Vassílii Andréitch estava excitado pela vodca que tomara com os amigos e eis porque se sentia satisfeito mais ainda que de costume com tudo o que lhe pertencia e com tudo o que fazia. A presença do filho que, intimamente, chamava sempre "o seu herdeiro", provocou-lhe naquele momento grande prazer; contemplava-o, apertando as pálpebras e mostrando os dentes compridos.

Com a cabeça e os ombros envoltos num xale de lã que não lhe deixava de fora senão os olhos, a mulher de Vassílii Andréitch, grávida, pálida e magra, se achava de pé por trás dele, no vestíbulo.

- Acho que seria melhor lewares Nikita - aconselhou ela, adiantando-se timidamente.

Vassílii Andréitch não deu nenhuma resposta a essas palavras, que lhe eram evidentemente desagradáveis; seu rosto contraiu-se e ele escarrou.

- Vais levando dinheiro contigo - prosseguiu a mulher no mesmo tom gemebundo. - E, de mais a mais, o tempo pode piorar. Ouve o que te digo.

- Para que preciso de um guia? Acaso não conheço a estrada? - respondeu-lhe Vassílii Andréitch com aquele modo de esticar os lábios, destacando nitidamente cada uma das sílabas,

que lhe era característico quando falava com os vendedores ou com os compradores.

- Em nome de Deus, suplico-te que o leves contigo! - insistiu a mulher, puxando o xale sobre os ombros.

- Essa mulher gruda como pez às mãos! Como posso levá-lo comigo?

-Que é isso, Vassílii Andréitch? Eu cá estou pronto - declarou alegremente Nikita. - Contanto que dêem de comer aos cavalos na minha ausência... - acrescentou, voltando-se para a patroa.

- Cuidarei disso, Nikita, meu amigo; darei minhas ordens a Semión - disse a mulher.

- Como é, Vassílii Andréitch, vou também? - indagou Nikita.

- É preciso agradecer a velha! Mas se vais comigo, vai vestir qualquer coisa mais quente - aconselhou Vassílii Andréitch, voltando a sorrir e piscando na direção da peliça sebenta de Nikita, de abas desfiadas, rasgada nas costas e debaixo dos braços, que lhe chegava só até os joelhos e que devia, por certo, ser muito avançada em anos.

- Olá! Minh'alma! Vem cá um pouco! Segura o cavalo! - chamou Nikita, voltando-se para o pátio onde se achava o marido da cozinheira.

- Eu vou! Eu vou! - gritou com voz aguda o menino e, tirando dos bolsos as mãozinhas vermelhas de frio, segurou as rédeas geladas.

- Mas não leves muito tempo a te enfeitares - apressa-te! - gritou Vassílii Andréitch, zombando de Nikita.

- Vou num instante, Vassílii Andréitch, meu paizinho - afiançou Nikita e correu para a isbá reservada aos empregados.

* * *

- Arímuchka, minha querida, dá-me depressa o meu cafetã que está em cima da estufa: vou viajar com o patrão - anunciou Nikita, embarafustando pela isbá adentro e apanhando a cinta que pendia de um prego.

A cozinheira, que tirara uma soneca depois do jantar e se dispunha agora a preparar o samovar para o marido, recebeu alegremente Nikita; contaminada pela sua pressa, tirou de cima da estufa o velho cafetã surradíssimo que ali tinham posto a secar e pôs-se a desamassá-lo e a sacudi-lo.

- Agora vais ficar à vontade com teu marido! - disse Nikita à cozinheira.

Quando ele se via a sós com quem quer que fosse, dizia sempre qualquer coisa, por uma espécie de benevolente polidez.

E, tendo enrolado em torno da cintura o cinto estreito e todo torcido, apertou-o por cima da peliça com a máxima força possível, murchando o ventre já de si suficientemente chato.

- Assim é que serve - disse ele em seguida, dirigindo-se não à cozinheira, mas ao cinto, cujas pontas enfiou por dentro. - Assim não te desatarás.

E, erguendo e abaixando os ombros, a fim de que seus braços permanecessem livres, enfiou o cafetã, esticando também as costas para conservar a liberdade de todos' os seus movimentos, bateu nos sovacos e depois apanhou as luvas de lã sobre a prateleira.

- Pronto!

- Tu devias trocar de botas, Nikita Stepánitch - sugeriu a cozinheira. - As tuas estão em bem péssimo estado.

Nikita deteve-se como se lembrasse de qualquer coisa.

- Sim... vai ser necessário... Assim mesmo serve. A gente não vai longe.

E saiu correndo.

- Não irás sentir frio, meu pequeno Nikita? - perguntou-lhe a patroa, quando ele chegou perto do trenó.

- Frio por quê? Isto aqui aquece muito - respondeu Nikita, erguendo a palha para cobrir os pés e metendo por baixo dela o chicote, do qual, o Baio, como um bom cavalo, não precisava.

Vassílii Andréitch estava já instalado no trenó; suas largas costas metidas em duas peliças ocupavam todo o encosto recurvado do assento traseiro. Ele colheu as rédeas e soltou o cavalo. Nikita tomou o trenó em movimento de um salto e acocorou-se na parte dianteira com uma perna pendente.

- II -

O trenó partiu com os patins a ranger ligeiramente e o robusto garanhão enveredou pela estrada da aldeia coberta de uma camada de neve endurecida.

- Que estás fazendo aí? Passa-me o chicote, Nikita - exclamou Vassílii Andréitch, admirando visivelmente o seu herdeiro que se agarrara em pé no rebordo de trás do trenó. - Espera um

pouco! Volta para junto da mãezinha! Filho de um cão!

O menino saltou para o chão. O Baio acelerou a marcha, pôs-se a soluçar, e passou da andadura ao trote.

A aldeia de Krésti, onde morava Vassílii Andréitch não tinha mais que seis casas. Assim que deixaram para trás a última isbá, a do ferreiro, notaram logo que o vento estava bem mais forte do que haviam imaginado. Quase não se avistava a estrada.

Os sulcos dos patins eram imediatamente cobertos pela neve que o vento espalhava e não se podia distinguir a estrada, senão pelo fato de estar num nível mais alto do que o da planície que cortava. Turbilhões de neve redemoinhavam pelos campos e não se discernia mais a linha onde o céu e a terra se unem. A floresta de Teliátino, que sempre se distinguia muito bem, não se deixava entrever senão por alguns instantes, como uma mancha escura através da neve pulverizada. O vento vinha da esquerda, soprando obstinadamente para a direita a crina do Baio e sua basta cauda amarrada num grosso nó. A longa gola de Nikita, que estava sentado contra o vento, colava-se-lhe ao nariz e à face.

- Ele não pode desenvolver a sua verdadeira marcha - a neve está demais - observou Vassílii Andréitch, orgulhoso do seu excelente cavalo. - Fui uma vez com ele a Pachutino; pois bem, me levou até lá em meia hora.

- Quê? - perguntou Nikita, que não tinha podido ouvir por causa da gola.

- Disse que ele me levou a Pachutino em meia hora - gritou Vassílii Andréitch.

- Não se pode negar que é um bom cavalo - opinou Nikita. Calaram-se por um momento. Mas Vassílii Andréitch estava com vontade de falar.

- Então, proibiste tua patroa de dar vodca ao toneleiro? - indagou, falando bem alto, certo de que Nikita achava lisonjeiro conversar com um homem da importância e inteligência dele, Vassílii Andréitch.

Estava achando tão divertida a sua pergunta, que nem lhe passou pela cabeça que o assunto pudesse ser desagradável a Nikita. Uma vez mais Nikita não ouviu a voz do amo, devido ao vento. Vassílii Andréitch repetiu, falando alto e nitidamente, a piada sobre o toneleiro.

- Que Deus esteja com eles, Vassílii Andréitch. Não me aprofundo nessa questão. Só quero que ela não maltrate o pequeno, e no mais que faça lá o que bem entender.

- Como é, vocês vão comprar um cavalo na primavera? - indagou Vassílii Andréitch, mudando de assunto.

- Sim, não há por onde escapar - respondeu Nikita, abaixando a gola do cafetã e inclinando-se para Vassílii Andréitch. Agora a conversa tornava-se interessante para ele e queria ouvir tudo. - O garoto cresceu e já é tempo de ir cuidando ele próprio da lavoura. Até agora tivemos que alugar um cavalo.

- Nesse caso fique com o de ancas caídas; eu não venderei caro a vocês! - gritou Vassílii Andréitch, sentindo-se excitado e por isso mesmo pronto para pôr em prática a sua astúcia de negociante de animais, profissão que preferia a qualquer outra e que absorvia toda a sua inteligência.

- Talvez o senhor me pudesse dar antes uns quinze rublos e eu compraria um na feira de cavalos - sugeriu Nikita, que sabia muito bem que o cavalo de ancas caídas que Vassílii Andréitch queria impingir-lhe valeria no máximo sete rublos e que Vassílii Andréitch lhe descontaria vinte e cinco, não lhe fornecendo depois mais um níquel durante seis, meses.

- É um bom cavalo. Eu só te desejo o bem como a mim próprio. Com toda a sinceridade! Brekhunov nunca fez mal a ninguém. Não sou como os outros, palavra de honra! Posso perder, mas não quero que os outros fiquem prejudicados! - exclamou naquela mesma voz que usava para se impor aos compradores e aos vendedores. - É realmente um bom cavalo.

- Isso lá é verdade - murmurou Nikita, suspirando; e, vendo que Vassílii Andréitch se calara, soltou a gola, que no mesmo instante lhe tapou o rosto e a orelha.

Viajaram assim quase meia hora em silêncio. Nikita sentia o vento bater-lhe nas costelas e no braço, nos lugares onde a peliça estava rasgada.

Encolhia-se e respirava com a boca colada à gola que a tapava, mas não sentia frio no corpo todo.

- Que é que tu achas? Será melhor irmos por Karamichevo ou direto? - indagou Vassílii Andréitch.

Passando por Karamichevo seguia-se por uma estrada mais movimentada, margeada de ambos os lados por altas estacas, porém mais longa. A estrada reta era mais curta, mas não tão concorrida; nela os marcos eram raros ou se achavam cobertos pela neve.

Nikita refletia um pouco.

- Por Karamichevo é mais longe, mas a estrada é melhor - opinou.

- Mas, se formos direito, basta que cortemos a ravina, não há o que errar e logo depois é a floresta- contraveio Vassílii Andréitch, que estava com vontade de seguir o caminho reto.

- Como o senhor quiser - respondeu Nikita, e tornou a soltar a gola.

Foi o que fez Vassílii Andréitch; e depois de percorrer meia *verstá*³ dobrou à esquerda, num ponto onde um galho de carvalho com algumas folhas secas ainda presas nele se agitava ao vento.

A partir dessa curva, ficaram com o vento pela frente. Começou a nevar. Vassílii Andréitch ia guiando; enchia as bochechas de ar e soprava os bigodes. Nikita cochilava.

Dez minutos se passaram assim em silêncio. De repente, Vassílii Andréitch pronunciou algumas palavras.

- Quê? - indagou Nikita, abrindo os olhos.

Vassílii Andréitch não respondeu: inclinava-se, olhava para frente e para trás. O cavalo ia a passo; seu pêlo, empapado de suor, formava ondas no pescoço e entre as pernas.

- Quê? Que é que há? - repetiu Nikita.

- Quê? Quê? - arremedou-o Vassílii Andréitch em tom irritado. - Acabaram-se os marcos. Estamos perdidos, na certa. - Espera um pouco, vou encontrar o caminho - disse Nikita e, saltando lentamente do trenó, retirou o chicote de sob a palha e afastou-se para a esquerda, do lado em que estivera sentado.

A neve, naquele ano, não estava muito espessa, de sorte que pôde avançar sem

³ *Verstá*: 1.067 metros. (N. da T.)

dificuldade; entretanto, em certos pontos afundava até os joelhos e não tardou a ficar com as botas cheias de neve. Nikita tateava o terreno com os pés e com o cabo do chicote, mas não conseguia encontrar a estrada.

- Então? - perguntou-lhe Vassílii Andréitch, quando Nikita voltou para o trenó.

- Deste lado não encontro nada; preciso ir ver do outro.

- Olha para aquela mancha escura diante de nós. Vai até lá ver - ordenou-lhe Vassílii Andréitch.

Nikita tomou a direção indicada e aproximou-se da mancha escura; era um campo desnudo que fora plantado no outono e cuja terra espalhada pelo vento tingira a neve de negro. Depois de ter procurado igualmente à direita, Nikita sacudiu-se para fazer cair a neve que o salpicava, sacudiu depois as botas e tornou a embarcar no trenó.

- Temos que tomar a direita - declarou ele em tom decidido. - Estávamos com o vento pela esquerda e agora ele me bate em cheio nas fuças. Vira à direita - ordenou.

Vassílii Andréitch obedeceu-lhe e dobrou à direita. Mas nada da estrada. Avançaram assim algum tempo: o vento não diminuía; nevava.

-Muito bem, Vassílii Andréitch, eis-nos aparentemente perdidos - observou de súbito Nikita, como se estivesse muito contente com o sucedido.

- Que é aquilo? - acrescentou, apontando para umas hastes pretas de batatas que emergiam da neve.

Vassílii Andréitch parou o cavalo molhado de suor, cujos flancos palpitavam ao ritmo da respiração ofegante.

- Que é que há, afinal? - indagou ele.

- Há que estamos nos campos de Zakhárov. Aí está no que dá a gente se perder!

- Estás mentindo! - replicou Vassílii Andréitch.

- Não, não estou mentindo, Vassílii Andréitch, estou dizendo a verdade - respondeu Nikita. - Conhece-se pelo barulho que o trenó faz; estamos atravessando uma plantação de batatas; aliás, aqui está um monte de folhas e de hastes de batatas que saem da neve. Sim, este campo pertence à fazenda de Zakhárov.

- Olhe, onde fomos parar! - exclamou Vassílii Andréitch. - Que fazer, agora?

- Bem, vamos seguir direito, é só o que temos a fazer. Não tardaremos a chegar a algum lugar. À granja ou à casa do proprietário.

Vassílii Andréitch obedeceu e deixou o cavalo andar - conforme lhe dissera Nikita. Avançaram assim durante muito tempo. Ora atravessavam pradarias desnudas e os patins do trenó rangiam então sobre montículos de terra congelada, ora cortavam os restolhos de campos de cereais semeados, uns no outono, outros na primavera, onde se distinguiam, apontando sob a neve, hastes secas que se agitavam ao sopro do vento. Ora se atolavam numa neve profunda de uma alvura uniforme e sobre a qual nada se distinguiu.

A neve caía do alto e por vezes também se erguia do solo em turbilhões. O cavalo estava evidentemente cansado; seu pêlo encharcado de suor frisava-se e cobria-se de gelo; não avançava senão a passo. Súbito, pisou em falso e escorregou para dentro de um fosso ou num barranco. Vassílii Andréitch quis retê-lo, mas Nikita se pôs a gritar.

- Por que o reténs? É preciso que ele saia do buraco!

- Upa! Upa! Querido! Upa! Meu amiguinho! - gritava alegremente para o cavalo, saltando do trenó e enterrando-se na neve por sua vez.

O cavalo reanimou-se e alcançou de um salto a beira do barranco, onde o gelo endurecera a terra. Tinham, evidentemente, caído num fosso.

- Onde estamos, afinal? - perguntou Vassílii Andréitch.

- Vamos sabê-lo - respondeu Nikita. - Toquemos para frente e havemos de chegar a algum lugar.

- Aquilo não será a floresta de Goriátchkino? - indagou Vassílii Andréitch, apontando para um maciço escuro que se distinguia através da neve.

- Vamos até lá e então veremos se é ou não a floresta - alvitrou Nikita. Nikita vira que o vento trazia daquele lado folhas secas de vimeiros e, portanto, sabia que o que viam não era uma floresta, mas um lugar habitado: não quis, entretanto, dizê-lo.

E, de fato, nem bem haviam percorrido umas dez *ságens*⁴, distinguiram silhuetas negras de árvores e ouviram um novo rumor queixoso. Nikita adivinhara - não se tratava de uma floresta, mas de uma aléia de altos vimeiros sobre os quais fremiam ainda aqui e ali algumas folhas mortas. Os vimeiros haviam evidentemente sido plantados ao longo de um fosso, junto de uma eira.

Tendo chegado até os vimeiros que farfalhavam tristemente, o cavalo empinou de repente, trepou por um barranco e dobrou à esquerda. Era a estrada.

- Eis-nos chegados - disse Nikita -, mas não sabemos onde. O cavalo seguiu sem hesitar a estrada coberta de neve e não teriam feito mais

⁴ *Ságen*: igual a 2,13 metros. (N. Da T.)

que umas quarenta *ságens* quando diante deles se desenhou a cerca de um celeiro, cujo telhado desaparecia sob espessa camada de neve. Esta neve caía sem interrupção do telhado. Tendo contornado o celeiro, viram-se de novo com o vento pela frente e afundaram num monte de neve.

Mas divisaram diante deles uma estreita ruela entre duas casas: fora evidentemente o vento que formara aquele monte de neve sobre a estrada e era preciso transpô-lo. E, com efeito, assim que conseguiram vencer esse obstáculo, enveredaram pela rua. Próximo a uma das últimas casas, peças de roupas congeladas pendiam de um varal, fustigadas violentamente pelo vento - camisas - uma branca e uma vermelha -, ceroulas, faixas para envolver os pés, uma saia. A camisa branca, principalmente, se agitava com fúria, sacudindo as mangas.

- Veja só esta preguiçosa que não passou a sua roupa para as festas! Mas talvez esteja doente - conjeturou Nikita, olhando para as camisas.

À entrada da rua, ainda ventava e a estrada desaparecia sob a neve; mas, à medida que avançavam pela aldeia, a temperatura tornava-se mais amena, mais cálida, o ambiente mais alegre. Um cão ladrou num quintal; uma mulher que corria com a *paddiovka*⁵ puxada sobre a cabeça parou ao pisar no limiar de uma isbá, para ver passar os desconhecidos. Do centro da aldeia, chegavam-lhes as vozes de um coro de moças.

O vento e o frio pareciam menos cortantes na aldeia; a neve ali como que era menos abundante.

- Mas estamos em Gríchkino - disse Vassílii Andréitch.

- É isso mesmo - respondeu Nikita.

De fato, estavam em Gríchkino. Depois de ter avançado demasiado pela esquerda e ter percorrido assim oito *verstás* numa direção que não era bem a que deviam ter tomado, verificava-se que nem por isso tinham deixado de aproximar-se do seu destino, pois de Gríchkino a Goriátchkino não havia mais que cinco *verstás*.

No meio da aldeia, encontraram um homem alto que avançava pelo meio da rua.

- Quem vem lá? - gritou esse homem, detendo o cavalo; mas reconheceu imediatamente Vassílii Andréitch e, segurando um dos timões, chegou assim, às apalpadelas, até o trenó, sobre cujo rebordo sentou-se.

⁵ Espécie de túnica abotoada de lado. (N. da T.)

Era Issai, um camponês muito conhecido de Vassílii Andréitch, ladrão de cavalos famoso em todo o distrito.

-Ah! Vassílii Andréitch, que bons ventos o trazem?-perguntou Issai, e Nikita sentiu-lhe o hálito impregnado de vodca.

- Vamos a Goriátchkino.

- Eh! Eh! E estão aqui! Deviam ter tomado a estrada de Malákhovo.

- Devíamos ter feito muita coisa! Mas não fizemos! - disse Vassílii Andréitch, freando o cavalo.

- Bom cavalo - comentou Issai, examinando o animal e, com um gesto costumeiro, apertou-lhe o nó da cauda, que se afrouxara durante a viagem, ajustando-o bem na raiz.

- Então, veio passar a noite aqui?

- Não, amigo, temos que seguir viagem.

- Se assim é preciso, nada feito. Mas quem e esse? Ah! Nikita Stepánitch!

- Quem havia de ser? - respondeu-lhe Nikita. - Praza a Deus, minh'alma, que não tornemos a perder-nos!

- Como poderiam perder-se? Virem por ali e sigam a rua em linha reta e quando saírem da aldeia continuem sempre em frente. Não tomem à esquerda. E quando chegarem ao estradão, então tomem a direita.

- Onde devemos tomar a direita? Onde passa a estrada de verão ou a de inverno? - indagou Nikita.

- Encontrarão umas moitas e defronte a elas um marco - um grande galho de carvalho. É lá.

Vassílii Andréitch manobrou o animal, fazendo-o descrever meia volta e partiram na direção indicada.

- Talvez ainda pernoitem aqui! - gritou-lhes Issai.

Mas Vassílii Andréitch não lhe respondeu e tocou o cavalo: achava fácil fazer cinco verstás, duas das quais através de florestas, numa estrada plana, tanto mais que o vento parecia menos forte e a neve cessara de cair.

Tomaram em sentido inverso a rua que já haviam percorrido e que montículos de estrume verde salpicavam de preto aqui e ali; passaram de novo pelo quintal do varal de roupas - a camisa branca não se mantinha presa senão por uma das mangas -, depois pelos vimeiros que zuniam assustadoramente e se encontraram uma vez mais em campo aberto. A nevasca não diminuía; pelo contrário, o vento parecia soprar com mais força ainda. A estrada desaparecia sob a neve que a cobria e não se podia perceber a direção certa, senão seguindo os marcos. Mas estes só eram discerníveis com grande dificuldade devido ao vento que soprava pela frente.

Vassílii Andréitch apertava os olhos, inclinava a cabeça e procurava distinguir os marcos, mas por fim deixou que o cavalo tomasse o rumo que quisesse, fiando-se mais dele que de seus próprios olhos. E, de fato, o cavalo não se enganava; avançava, dobrava ora à esquerda ora à direita, seguindo as sinuosidades da estrada, cujo chão firme sentia sob os passos. E tão bem se saía que, a despeito do vento que se tornava mais forte e da neve que caía mais abundante, continuavam a entrever os marcos, ora à direita ora à esquerda.

Seguiam assim havia uns dez minutos, quando, de súbito, perceberam bem diante deles um vulto escuro que se aproximava através da trama oblíqua da neve fustigada pelo vento. Eram

viajantes que caminhavam no mesmo sentido que eles. O Baio alcançou-os e esbarrou com a pata na traseira do trenó.

- Passem!... ah!... ah!... Passem na frente!... - gritaram os passageiros do trenó.

Vassílii Andréitch ultrapassou-os. O trenó levava três homens e uma mulher. Voltavam certamente para casa depois de ter ido à festa na aldeia. Um dos campônios chicoteava com um galho seco a anca salpicada de neve do cavalo. Os dois outros gritavam algo e agitavam os braços. A mulher, completamente embrulhada em sua peliça e toda coberta de neve, permanecia imóvel, encolhida, no fundo do trenó.

- De onde são vocês? - gritou-lhes Vassílii Andréitch. - De A... a... a...

- Pergunto: de onde são vocês?

- De A... a... a... - berrou com todas as suas forças um dos camponeses.

Todavia, não foi possível distinguir-lhe as palavras.

- Avança!... Não vamos deixá-los passar! - gritou outro camponês, chicoteando sem parar o seu pobre cavalo.

- Estão voltando da festa, não é?

- Toca! Toca! Siomka! Passa-os. . . Toca para frente!

Os trenós esbarraram, enganchando-se quase um no outro, mas separaram-se e o trenó dos camponeses ficou para trás.

O cavalinho peludo, barrigudo, coberto de neve, empenhava na corrida suas últimas forças, ofegando penosamente sob a *dugá* baixa; em vão o infeliz se esforçava por escapar às chicotadas com que o golpeavam. Avançava como podia, enterrando as pernas curtas na neve profunda e

atirando-as para trás. Seu focinho de animal ainda novo, o lábio inferior entrado como boca de peixe, as narinas dilatadas, as orelhas murchas de pavor, manteve-se durante alguns segundos emparelhado com o ombro de Nikita, depois, pouco a pouco, foi ficando para trás.

- Veja o que faz o vinho! - comentou Nikita. - Vão rebentar o pobre cavalo. Verdadeiros selvagens!

Ouviu-se ainda durante alguns minutos o ofegar do mísero animal atormentado e os gritos dos ébrios, depois cessou o resfolegar e os gritos também pouco a pouco emudeceram. E de novo não se ouviu mais que os assobios do vento e, de quando em quando, os fracos rangidos dos patins na terra que o vento pusera a descoberto aqui e ali.

Aquele encontro alegrara Vassílii Andréitch, aumentara-lhe a confiança e sem dar mais atenção aos marcos, forçou a marcha do cavalo, fiado no seu faro.

Nikita nada tinha a fazer e, como de costume quando se encontrava nessa situação, cochilava, recuperando assim muito sono perdido. De repente o cavalo estacou e Nikita quase focinhou para frente.

-Erramos de novo o caminho! - exclamou Vassílii Andréitch.

- Que foi?

- Não se vêem mais os marcos. Perdemos outra vez a estrada, ao que tudo leva a crer.

- Se a perdemos, é preciso encontrá-la - respondeu com laconismo Nikita.

Ergueu-se e pôs-se de novo a caminhar pela neve no seu andar lépido, de pés para dentro.

Caminhou muito tempo, ora desaparecendo por completo em meio à bruma, ora reaparecendo de chofre para de novo afastar-se... Por fim voltou para junto do trenó.

- Por lá não há estrada; talvez ela esteja em algum ponto diante de nós - disse ele, tornando a embarcar no trenó. Começava a escurecer. A nevasca não aumentava de violência, mas também não diminuía.

- Se ao menos ouvíssemos aqueles camponeses! - lamentou Vassílii Andréitch.

- Eles não nos alcançaram mais; devemos estar muito longe da estrada. Ou então eles também se perderam.

- E agora para onde vamos? - indagou Vassílii Andréitch.

- Temos que deixar o cavalo solto. Ele nos tirará daqui. Passa-me as rédeas.

Vassílii Andréitch passou de bom grado as rédeas a Nikita, tanto mais que começava a sentir frio nas mãos, apesar das luvas de lã.

Nikita tomou as rédeas e contentou-se em segurá-las sem puxá-las, orgulhoso da inteligência do seu favorito. E de fato, o valente animal, virando ora uma orelha ora a outra, para um e outro lado começou a dar voltas.

- Só lhe falta falar - dizia Nikita. - Vê só o jeito dele! Vamos, vamos, com coragem! Assim, assim!

Estavam agora com o vento pelas costas. Sentiam menos frio. - Isto é que é animal inteligente! - exultava Nikita, cheio de admiração pelo cavalo. - O pequeno Kirghiz é forte, mas bronco. Mas este; vê só o que ele faz com as orelhas. Não precisa de telégrafo. Ouve tudo num raio de uma verstá.

E não se havia passado bem meia hora, eis que distinguiram, de fato, pela frente, qualquer coisa escura - uma floresta ou uma aldeia e à direita divisaram de novo os marcos. Tinham, evidentemente, encontrado a estrada.

- Mas estamos de novo em Gríchkino! - exclamou Vassílii Andréitch.

Realmente, à esquerda deles via-se agora o mesmo celeiro coberto de neve; e mais adiante o varal com as roupas congeladas - as camisas e as ceroulas continuavam a agitar-se desesperadamente ao vento.

Enveredaram uma vez mais pela rua e a atmosfera se tornou de novo amena, cálida e alegre; viram de novo a estrada salpicada de estrume, tornaram a ouvir vozes, cantos e latidos de cães. A noite descia e as luzes se acendiam no interior das isbás.

Vassílii Andréitch parou o cavalo diante da entrada de um casarão de cantos de tijolos.

Nikita aproximou-se da janela iluminada, obstruída pela neve, através de cujo clarão flutuavam flocos cintilantes e bateu na vidraça com o cabo do chicote.

- Quem está aí? - perguntou uma voz, atendendo à batida de Nikita.

- Os Brekhunov, de Krésti, amigo - respondeu Nikita. - Chega aqui um instante.

Afastaram-se da janela e ao cabo de dois minutos ouviu-se abrir com esforço a porta da rua. Em seguida, o ferrolho rangeu e, escorando a porta externa que o vento empurrava, surgiu um velho camponês de avantajada estatura e barba branca, metido numa alva camisa novinha e com uma peliça curta jogada nos ombros,

acompanhado por um rapazinho de camisa vermelha e botas de couro.

- Serás tu mesmo, Andréitch? - indagou o velho.

- Sim. Nós nos perdemos, sabes? - respondeu Vassílii Andréitch. - Queríamos ir a Goriátchkino e aqui estamos em tua casa. Fizemos nova tentativa e tornamos a perder-nos.

- Ora veja! - disse o velho. - Petruchka, anda, vai abrir o portão grande - ordenou ao rapazinho de camisa vermelha.

- Vou já - respondeu o moço com voz alegre. E saiu correndo. - Mas não vamos dormir aqui, amigo - declarou Vassílii Andréitch.

- Para onde irão? É noite. Fiquem!

- Bem que eu queria. Mas temos que partir. Negócios... impossível.

- Aqueçam-se um pouco, ao menos; chegaram na horinha do samovar.

- Quanto a isso aceito - respondeu Vassílii Andréitch. - Não vai escurecer mais do que isto e quando a lua nascer enxergaremos melhor. Como é, Nikita, vamos entrar para nos aquecer?

- Por que não? Isso não se recusa - disse Nikita, que estava com muito frio e louco para aquecer os membros gelados.

Vassílii Andréitch entrou na isbá com o velho. Petruchka abriu o portão grande e Nikita recolheu o cavalo ao pátio, prendendo-o ao alpendre coberto do galpão; o piso deste estava coberto por espessa camada de esterco e a alta *dugá* enganchou-se numa das traves. As galinhas e o galo que ali já se achavam empoleirados para dormir, aborrecidos por se verem incomodados, puseram-se a cacarejar e a mexer-se. As ovelhas, assustadas, correram para a direita e para a

esquerda, batendo ruidosamente com os cascos no chão gelado. O cachorro começou a latir para os intrusos, soltando ganidos de medo e de raiva.

Nikita falou com todos: desculpou-se perante as galinhas, prometendo-lhes não tornar a incomodá-las, repreendeu as ovelhas por se assustarem sem saber por que, e enquanto amarrava o cavalo, não cessou de exortar o cão a manter a calma.

- Agora a coisa vai bem - disse, sacudindo a neve que lhe salpicava a roupa. - Vejam só como ele se esgoela - acrescentou, voltando-se para o cachorro. - Chega! Basta, bobo! Basta! Estás te cansando em vão. Não somos ladrões.

- Esses são os três conselheiros da casa, conforme está escrito - disse o rapazola, puxando com braço robusto para dentro do galpão o trenó que ficara fora.

- Que conselheiros? - indagou Nikita.

- É assim que se lê no livro de Paulsen - explicou o rapaz, sorrindo -, o ladrão se aproxima furtivamente da casa e o cão ladra; isso significa: não fiques aí como um basbaque, presta atenção! O galo canta: levanta-te! diz ele. O gato se lava; isso quer dizer: chegou visita! Prepara-te para hospedá-la bem.

Petruchka sabia ler e escrever e conhecia quase de cor o livro de Paulsen, o único que possuía. E gostava muito, principalmente quando tinha bebido um pouco como naquela noite, de citar-lhe certas frases que lhe pareciam de acordo com a situação.

- É isso mesmo - concordou Nikita.

- Estás gelado, penso eu, não estás, titio? - tornou Petrushka.

- Sim, um pouco - respondeu Nikita.

Atravessaram o pátio e o vestíbulo e entraram na isbá.

- IV -

A casa onde Vassílii Andréitch se detivera era uma das mais ricas de toda a aldeia. A família possuía cinco partes de terra e ainda arrendava algumas. Havia ali seis cavalos no pátio, três vacas, duas novilhas e umas vinte ovelhas. A família que habitava aquela casa compunha-se de vinte e duas pessoas: quatro filhos casados, seis netos, dos quais era Petruchka o único casado, dois bisnetos, três órfãos e quatro noras com seus filhos. Era uma das raras famílias da aldeia que não se dispersara e não efetuara a partilha de seus bens; mas a discórdia que, como de costume, surgira, para começar, entre as mulheres, já ia realizando surdamente a sua obra, a qual terminaria infalivelmente na partilha dos bens. Dois dos filhos trabalhavam em Moscou como carregadores de água; um terceiro era soldado. Na casa restavam agora: o pai, a mãe, o filho mais velho que viera de Moscou para a festa da aldeia, o segundo filho que administrava a granja, todas as mulheres e seus filhos e mais ainda um hóspede, vizinho e compadre.

Sobre a mesa, pendia uma lâmpada recoberta por um quebra-luz que iluminava fortemente a louça preparada para o chá, uma garrafa de vodca, uns salgados, as paredes de tijolo e o canto de honra ornado de ícones dispostos entre quadros.

Vassílii Andréitch, metido numa só peliça negra, estava sentado à mesa no lugar de honra.

Chupando o bigode coberto de neve, percorria com um movimento circular de seus olhos saltados - olhos de gavião - as pessoas e as paredes.

Além de Vassílii Andréitch, haviam tomado lugar em torno da mesa o velho de barbas brancas, inteiramente calvo, com a sua camisa de linho branco tecido em casa, o filho mais velho chegado de Moscou, um homem de espáduas e ombros robustos com uma camisa de algodão fino, o filho primogênito, também de ombros largos que trabalhava em casa e o vizinho - um camponês magro e ruivo.

Tendo bebido e comido, os homens se dispunham a saborear o chá; o samovar roncava já no chão, junto à estufa. Sobre a estufa e no jirau construído sob o forro, dormiam crianças; uma mulher estava sentada num banco ao longo da parede, e embalava um berço com o pé. A velha dona da casa, de rosto sulcado por rugas finas que lhe marcavam até mesmo os lábios, afanava-se em torno de Vassílii Andréitch.

No momento em que Nikita entrou na isbá, ela acabava, justamente, de encher de vodca um cálice de vidro grosso sem pé que oferecia a Vassílii Andréitch, dizendo:

- Não nos desprezes, Vassílii Andréitch; é preciso beber e desejar-nos uma festa feliz. Bebe, amigo.

A vista e o cheiro da vodca, naquele momento, principalmente, em que se achava gelado e exausto, perturbaram profundamente Nikita. Seu rosto contraiu-se. Tendo sacudido o gorro e o cafetã, voltou-se, como se não visse ninguém, para os ícones aos quais reverenciou depois de persignar-se três vezes; depois virou-se

para a mesa, cumprimentou primeiro o velho, depois os convivas e por último inclinou-se diante das mulheres que se achavam junto da estufa. Depois, tendo dito a todos: "Boa-festa!", pôs-se a despír o cafetã sem olhar para a mesa.

- Estás todo gelado, titio! - observou o filho mais velho, ao reparar no rosto de Nikita, cujos olhos e cuja barba estavam salpicados de pedacinhos de gelo.

Nikita tirou o cafetã, sacudiu-o mais uma vez, pendurou-o a um prego perto da estufa e aproximou-se da mesa. Ofereceram-lhe vodca. Foi um instante muito difícil para ele: esteve a pique de agarrar o cálice, de entornar de um golpe o líquido claro e cheiroso; mas lançou um olhar a Vassílii Andréitch, lembrou-se da sua promessa, lembrou-se das botas que vendera para beber, do toneleiro, do filho a quem prometera comprar um cavalo na primavera, suspirou e recusou a bebida.

- Não bebo; agradeço-lhe muito - 'disse ele, franzindo o sobrolho, e sentou-se num banco junto da janela.

- Mas por que isso? - indagou o irmão mais velho.

- Não bebo; só por isso - respondeu Nikita sem levantar os olhos; e, entortando-os na direção de seus ralos bigodes e de sua barba, começou a tirar os pedacinhos de gelo que se haviam incrustado neles.

- A bebida não lhe faz bem - explicou Vassílii Andréitch, mordendo um sequilho, depois de ingerir um cálice de vodca.

- Então tomarás chá - sugeriu a boa velha. - Deves estar gelado, boa alma. Eh, mulheres! Que estão esperando para passar-nos o samovar?

- Está pronto - disse uma das noras; e, tendo limpado com um pano a parte de cima do samovar que lançava jatos de vapor, ergueu-o com esforço e colocou-o pesadamente na mesa.

Vassílii Andréitch se pôs a contar como tinham se perdido e voltado por duas vezes àquela aldeia; como tinham vagado longo tempo ao acaso e encontrado um trenó carregado de camponeses bêbados. Os velhos admiravam-se e explicavam onde e por que eles haviam perdido o caminho, quem eram os indivíduos embriagados que tinham encontrado e a direção que deviam tomar.

- Até Moltchánovka é muito simples; uma criança não se enganaria; basta fazer a curva em tempo. Há lá um capão de mato. - E vocês, entretanto, se enganaram - acrescentou o vizinho. - Quem sabe querem dormir aqui? As mulheres lhes arranjarão os leitos - insistia a velha.

-Assim partiriam amanhã bem cedo; seria ótimo - acrescentou o velho.

- Impossível, amigo. Tenho negócios importantes! - respondeu Vassílii Andréitch. - O que se perde numa hora nem num ano se recupera - acrescentou, lembrando-se da floresta e dos negociantes que poderiam roubar-lha. - Havemos de chegar lá, não é verdade? - acrescentou, dirigindo-se a Nikita.

Nikita não respondeu imediatamente, como se continuasse ocupadíssimo com a sua barba e os seus bigodes.

- Contanto que não acabemos por nos perder de novo - murmurou ele, afinal, com ar sombrio.

Nikita estava tristonho porque sentia um forte desejo de beber a vodca; só o chá teria podido

acalmar esse desejo, mas ainda não lho tinham oferecido.

- Mas basta chegarmos até a curva; e depois não haverá o que errar - estaremos na floresta; até chegarmos ao destino.

- Isso é com o senhor, Vassílii Andréitch. Como quiser - disse Nikita, recebendo o copo de chá que lhe estendiam.

- Bebamos o chá e depois - para a frente, marcha!

Nikita não disse nada; mas abanou a cabeça e, tendo derramado prudentemente o chá no pires, pôs-se a aquecer sobre o vapor as mãos de dedos intumescidos pelo trabalho. Depois, levando à boca um minúsculo torrão de açúcar, saudou o velho e a velha e disse:

- À vossa saúde! - e sorveu o líquido escaldante.

- Se alguém pudesse levar-nos até a tal curva - sugeriu Vassílii Andréitch.

- Por que não? Nada mais fácil - respondeu o filho mais velho. - Petruchka atrelará um trenó e os guiará até a curva.

- Vamos então, amigo. Vai atrelar que te agradecerei.

- Que dizes, minh'alma? Faremos isso de coração - interveio a boa velha.

- Petruchka, atrela a égua - ordenou o filho mais velho.

- Isto eu posso fazer - aquiesceu Petruchka, sorrindo e apanhando o seu gorro que pendia de um prego, correu a atrelar o trenó.

Enquanto atrelava, a conversa que fora interrompida pela chegada de Vassílii Andréitch retomou o seu fio. O velho queixava-se ao vizinho do seu terceiro filho, que não lhe enviara nada

para as festas e não presenteara a sua mulher senão com um lenço francês. - Os jovens não obedecem mais - dizia o velho.

- Nem fale! Não se pode com eles - retrucou o vizinho. - São demasiado inteligentes. Veja Diémotchkin! Quebrou o braço do pai. Tudo isso é evidentemente o resultado de saberem coisas demais.

Nikita ouvia atentamente, examinava as fisionomias, e teria por certo desejado também participar da conversa; mas estava por demais ocupado com o seu chá e contentava-se em sacudir a cabeça, à guisa de assentimento. Esvaziava um copo após outro; aquecia-se cada vez mais e se sentia cada vez melhor. A conversa continuava a versar sobre o mesmo tema, sobre a partilha dos bens e o mal que daí resultava. E era evidente que não se tratava de um caso abstrato, mas justamente daquela família, onde a partilha dos bens vinha sendo exigida pelo segundo filho, o qual se encontrava sentado ao lado do pai, taciturno e sombrio. Era evidente que se estava em face de uma questão dolorosa que preocupava toda a família; mas eles não achavam de bom-tom discutir diante de estranhos os seus assuntos particulares. Todavia, o velho não pôde conter-se por mais tempo e declarou com lágrimas na voz que, enquanto vivesse, não aceitaria partilha alguma, que tinham tudo com fartura, graças a Deus, e que se a partilha fosse feita a família acabaria indo mendigar sob as janelas.

- Foi o que aconteceu com os Matvéiev - lembrou o vizinho. - Eles tinham tudo o que precisavam; e, agora, que se separaram, ninguém tem nada.

- É o que estás querendo - voltou o velho, dirigindo-se ao filho.

Este não respondeu e fez-se um silêncio constrangedor. Petrushka que, tendo atrelado a égua voltara para dentro havia já alguns instantes e ouvia a sorrir, foi quem o quebrou.

- Há sobre isso uma fábula no livro de Paulsen - disse ele. - Um pai propôs a seus filhos quebrar uma vassoura: eles não o conseguiram, mas separando os fios da palha tornou-se fácil. É isso mesmo - concluiu ele com um largo sorriso. - Está pronto! - acrescentou.

- Está pronto? Então vamos! - disse Vassílii Andréitch. - E quanto à partilha, vovô, não cedas. Foste tu quem ganhou tudo; és o dono. Dirige-te ao juiz de paz. Ele dirá o que deve ser feito.

- Cria tantos embaraços, tantos embaraços - continuou o velho com voz chorosa - que a gente não arranja nada com ele. Dir-se-ia que Satã está dentro dele.

Nikita, tendo terminado o seu quinto copo de chá, não emborcou sobre o pires o copo vazio, mas sim colocou-o de um lado, na esperança de que o enchessem pela sexta vez. Mas o samovar estava vazio e a velha não lhe ofereceu mais nada; de mais a mais, Vassílii Andréitch já começara a aprontar-se. Não havia nada a fazer; Nikita levantou-se também, recolocou no açucareiro o pequeno pedaço de açúcar que roera de todos os lados, enxugou com a aba do cafetã o rosto banhado em suor e tornou a vestir a peliça.

Quando ficou pronto, suspirou profundamente, agradeceu aos donos da casa e, depois de dizer-lhes adeus, saiu da sala iluminada e bem aquecida para entrar no vestíbulo escuro e frio, onde o vento uivava e a neve penetrava

através das frestas da porta e das paredes. Depois desceu para o pátio na escuridão.

Petruchka, metido numa peliça, se achava de pé junto ao seu cavalo no meio do pátio e declamava a sorrir versos tirados do livro de Paulsen: "A nevasca escurece o céu, erguendo turbilhões de neve; ora uiva como uma fera, ora chora como uma criança".

Nikita abanou a cabeça com um ar aprovador e desamarrou as rédeas.

O velho acompanhara Vassílii Andréitch com uma lanterna na mão; quis pousá-la no vestíbulo, para que os hóspedes pudessem enxergar melhor, mas o vento imediatamente apagou-a. Era visível, mesmo no pátio, que a tempestade de neve continuava a soprar mais violenta ainda do que antes.

"Que tempo!" - pensou Vassílii Andréitch. - "Talvez fosse melhor ficarmos. Mas é impossível - os negócios! E, depois, já está tudo preparado para partirmos, o cavalo do patrão foi atrelado... Havemos de nos arranjar. Deus nos ajudará!"

O velho também dizia consigo mesmo que eles fariam melhor pousando ali; mas já os havia aconselhado e não lhe tinham dado ouvidos. Inútil insistir. "Talvez eu é que me tenha tornado medroso por estar envelhecendo! Talvez nada lhes aconteça! - pensou. E assim iremos nos deitar cedo, sem amolações..."

Petruchka, esse, não pensava em absoluto no perigo: conhecia tão bem a estrada e os arredores! E depois, os versos que acabava de recitar ainda mais lhe aumentavam a coragem, pois exprimiam exatamente o que se passava aos seus olhos.

Quanto a Nikita, não tinha nenhuma vontade de partir; mas estava há muito tempo habituado a não ter vontade própria e a estar a serviço de outros. Ninguém, portanto, reteve os viajantes.

- V -

Vassílii Andréitch acercou-se do trenó às apalpadelas, pois não se podia enxergar nada ali, embarcou nele e tomou as rédeas.

- Vai na frente! - gritou para Petruchka.

Petruchka, de joelhos em seu trenó sem assento, largo e baixo, deu rédeas ao cavalo. O Baio, que se pusera a relinchar havia alguns momentos, sentindo que tinha uma égua pela frente, lançou-se em seu encalço. Os dois trenós partiram pela rua.

Seguiram o mesmo caminho que antes; passaram diante do pátio, onde o vento fazia estalar a roupa gelada que não mais se podia ver, diante do celeiro já agora quase completamente soterrado na neve, diante dos mesmos vimeiros que, vergando sob as rajadas do vento, gemiam e assobiavam lugubrememente; e mergulharam de novo num mar enfurecido, cujas vagas de neve os assaltavam por todos os lados. O vento estava tão forte, que quando soprava de lado, fazia o trenó inclinar-se e empurrava o cavalo para o lado oposto.

Petruchka corria ao trote da sua esplêndida égua, que ele instigava com gritos agudos. O Baio esforçava-se por alcançá-la. Avançavam assim havia já uns dez minutos, quando Petruchka se voltou e gritou-lhes algumas palavras, que nem Vassílii Andréitch nem Nikita puderam entender por causa da ventania; mas adivinharam que tinham chegado à curva da estrada. E de fato,

Petruchka dobrou à direita; o vento, que até então soprava de lado, passou a bater-lhes em cheio no rosto através da neve eles entreviram à direita manchas negras; era o tal galho dê carvalho.

- Que Deus os assista!

- Obrigado, Petruchka!

- "A tempestade escurece o céu"! - declamou uma última vez Petruchka.

-Aí está um fazedor de versos! -comentou Vassílii Andréitch e bateu ligeiramente com as rédeas nos flancos do cavalo.

- Sim, é um bom rapaz, um verdadeiro camponês - disse Nikita. Avançavam rapidamente.

Bem embrulhado em sua peliça, com a cabeça tão profundamente enterrada nos ombros que a barba curta lhe espetava o pescoço, Nikita permanecia calado, procurando não perder a provisão de calor que conseguira na isbá à custa do chá quente. Divisava pela frente as duas linhas retas dos timões que constantemente o enganavam, pois os tomava por sulcos da estrada, as ancas oscilantes do Baio com a cauda amarrada num nó que o vento impelia sempre para o mesmo lado, mais longe, à frente, a cabeça do cavalo, balançando-se sob a alta dugá e seu pescoço de crina solta ao vento. De quando em quando, Nikita distinguia os marcos; sabia, portanto, que continuavam seguindo pela estrada e que, por conseguinte, nada havia a fazer.

Vassílii Andréitch guiava, permitindo ao cavalo manter-se por si na estrada. Mas, embora tivesse descansado, o Baio trotava a contragosto, ao que parecia, e dava a impressão de que queria afastar-se da estrada, a tal ponto, que Vassílii Andréitch teve várias vezes que lhe puxar as rédeas.

"Lá está um marco à direita, um segundo e um terceiro" - contava Vassílii Andréitch. - "E lá adiante é a floresta" - dizia consigo mesmo, esforçando-se por discernir uma massa escura que entrevia pela frente. Mas o que lhe havia parecido ser uma floresta não passava de um arbusto. Este foi transposto e eles percorreram mais umas vinte *ságens*: nem marco, nem floresta. "A floresta deve estar lá" - dizia de si para si Vassílii Andréitch. E, excitado pela vodca e pelo chá, não parava de instigar o animal. Este, dócil e corajoso, corria ora a passo, ora a trote curto, na direção para onde o impeliam, sabendo perfeitamente que aquela direção não era a certa. Mais dez minutos se escoaram: a floresta continuava invisível.

- Estamos de novo perdidos' - exclamou Vassílii Andréitch, detendo o cavalo.

Nikita desceu em silêncio do trenó e, segurando o cafetã que, ora colava-se-lhe ao corpo, ora se virava e se abria todo, pôs-se a andar pela neve, a princípio numa direção, depois noutra. Três vezes desapareceu completamente da vista de Vassílii Andréitch. Por fim voltou e tomou as rédeas das mãos do amo.

- Temos que tomar a direita - concluiu em tom severo e firme, e fez o cavalo virar.

-Está bem, tomemos a direita - concordou Vassílii Andréitch, passando-lhe novamente as rédeas e escondendo as mãos geladas dentro das mangas.

Nikita não respondeu.

- Vamos, meu querido amigo, mais um esforçozinho! - gritou para o cavalo.

Este, porém, não caminhava senão a passo, por mais que Nikita sacudisse as rédeas.

Em certos lugares afundava-se na neve até os joelhos e, a cada movimento do cavalo, o trenó avançava a pequenos arrancos. Nikita apanhou o chicote que estava espetado na parte dianteira do trenó e fustigou o cavalo. O brioso animal, que não estava habituado ao chicote, fez um tremendo esforço e se pôs a trotar, mas quase que imediatamente voltou à andadura e depois ao passo. Avançaram assim durante cinco minutos, mais ou menos. Estava tão escuro e os turbilhões de neve eram tão densos, que em certos momentos, do interior do trenó, não se distinguia nem sequer a *dugá*. Parecia, às vezes, que o trenó não mais saía do lugar e que a planície deslizava para trás. Súbito, o cavalo estacou com um movimento brusco, pressentindo por certo algum perigo. Largando as rédeas, Nikita desceu de novo e foi na frente para averiguar a causa daquela parada; mas nem bem ultrapassara a cabeça do animal, seus pés escorregaram e ele rolou.

- Pára! Pára! Pára! - dizia a si mesmo, esforçando-se por parar; mas não podia suster-se e só parou quando seus pés se enterraram na espessa camada de neve que o vento acumulara no fundo do barranco.

A camada de neve que recobria os bordos do barranco, abalada pela queda de Nikita, caiu sobre ele; o coitado ficou com neve por dentro da gola.

- Ah, é assim! - exclamou Nikita num tom de censura, dirigindo-se ao barranco e à neve que lhe caíra por cima.

E começou a sacudir-se.

- Nikita! Ó, Nikita! - gritava lá de cima Vassílii Andréitch. Mas Nikita não respondia.

Não tinha tempo; estava se sacudindo e procurando o chicote, que com a queda deixara

cair. Depois que o encontrou, achou-se no dever de subir pelo mesmo ponto por onde havia escorregado, mas não o conseguiu; a cada tentativa tornava a escorregar. De tal modo que, para resumir, teve que seguir pelo fundo do barranco para encontrar alguma saída. A três *ságens* de distância do lugar onde escorregara, conseguiu, com grande dificuldade, galgar o barranco, ajudando com as mãos, e depois caminhou pela beira da ravina na direção do ponto onde devia, a seu ver, encontrar-se o cavalo. Todavia não viu nem cavalo nem trenó. Mas como estivesse caminhando contra o vento, antes de vê-los ouviu os gritos de Vassílii Andréitch e os relinchos do Baio que o chamavam.

- Já lá vou, já lá vou! Que idéia é essa de te esgoelares assim? - respondeu ele.

Só quando estava bem perto do trenó, foi que avistou o cavalo e ao lado dele Vassílii Andréitch que lhe pareceu enorme.

- Onde te meteste? Que o diabo te leve! Temos que voltar para trás. Vamos ver se ao menos conseguimos voltar para Gríchkino - disse a Nikita seu amo em tom furioso.

- Voltar para Gríchkino! Não quero outra coisa. Mas como! Há ali uma ravina tão funda que quando a gente cai dentro dela não pode mais sair. Caí lá e só a muito custo consegui chegar de novo cá em cima.

- Pois bem, não vamos ficar aqui! Precisamos tocar para frente - declarou Vassílii Andréitch.

Nikita não respondeu. Sentou-se no trenó com as costas voltadas para o vento, descalçou as botas e sacudiu a neve que as enchia. Depois, apanhou um punhado de palha e tapou

cuidadosamente pelo lado de fora o rombo do pé esquerdo.

Vassílii Andréitch calara-se, como se agora deixasse tudo por conta da sagacidade de Nikita. Depois de calçar-se de novo, Nikita entrou no trenó, enfiou as luvas, tomou as rédeas, manobrou o cavalo e fê-lo avançar pela margem da ravina. Mas, nem bem haviam dado uma centena de passos, eis que o animal estaca de novo, subitamente. Estavam outra vez diante de uma ravina.

Nikita desceu de novo e adiantou-se à procura de uma passagem. Isso demorou muito tempo. Por fim, reapareceu do lado oposto ao que tomara ao deixar o trenó.

- Como é, Andréitch, ainda estás vivo? - gritou ele.

- Estou aqui - respondeu Vassílii Andréitch.

- Não consigo orientar-me. Está escuro, há barrancos. Precisamos andar conforme o vento.

Partiram outra vez, outra vez Nikita apeou, arrastando-se na neve. Subia, descia e por fim, sem fôlego, parou perto do trenó.

- Então, que é que há? - indagou Vassílii Andréitch.

- Há que estou exausto. E o cavalo também não agüenta mais.

- Que fazer, então?

- Esperar um pouco.

Nikita tornou a afastar-se, mas dessa vez voltou logo.

- Segue-me - disse ele, colocando-se diante do cavalo. Vassílii Andréitch não dava mais ordens, fazendo sem replicar tudo o que Nikita lhe dizia.

- Segue-me - gritou de novo Nikita.

Deu um passo à direita, segurou rapidamente o Baio pelo freio e puxou-o para o amontoado de neve que recobria os bordos do barranco. A princípio o animal resistiu, mas depois deu um salto para a frente, contando poder passar por cima do monte de neve: não o conseguiu, entretanto, e enterrou-se nela até o pescoço.

- Desce! - gritou Nikita para Vassílii Andréitch, que continuava sentado no trenó e, agarrando um dos timões, pôs-se a empurrar o trenó que subiu por cima da anca do cavalo.

- Está difícil, irmãozinho - disse ele ao cavalo - mas que fazer? Mais um esforço. Vamos! Vamos! - gritou.

O animal deu dois impulsos, mas não conseguiu subir; abateu-se então sobre si mesmo e pareceu refletir.

- Como é, amigo? Não podemos ficar assim - Nikita fez ver ao cavalo. - Vamos, mais uma vez!

E de novo Nikita agarrou um dos timões, enquanto Vassílii Andréitch empurrava o outro. O cavalo sacudiu a cabeça, cobrou ânimo e deu um arranco.

- Vamos! Vamos! Não tenhas medo de nada! Não te afogarás! - gritava Nikita.

Um arranco, outro, um terceiro e o cavalo conseguiu, afinal, sair do monte de neve; parou, então, ofegando penosamente e sacudindo-se.

Nikita queria continuar a avançar; mas Vassílii Andréitch bufava de tal forma por baixo da suas duas peliças que, não mais em condições de caminhar, deixou-se cair dentro do trenó.

- Deixa-me respirar - disse ele, desatando o lenço que na aldeia havia amarrado em torno da gola da peliça.

- Agora a coisa irá melhor. Fica aí - respondeu Nikita. - Eu vou conduzi-lo.

E enquanto Vassílii Andréitch se instalava no trenó, Nikita segurou o cavalo pelo freio, fê-lo descer uns dez passos, depois o puxou até um pouco mais em cima e parou.

Não estavam no fundo da ravina, onde a neve, levada pelo vento, poderia cobri-los totalmente; mas o lugar onde Nikita se detivera era um declive e ficava um pouco protegido da tempestade pelos bordos do barranco. Em certos instantes o vento parecia diminuir, mas essas calmarias relativas não duravam e depois delas, como se quisesse recuperar o tempo perdido, a ventania recomeçava a soprar com força decuplicada e erguia a neve em turbilhões com fúria ainda mais feroz. Uma dessas rajadas abateu-se sobre eles no momento exato em que Vassílii Andréitch, tendo retomado fôlego, saía do trenó e aproximava-se de Nikita para perguntar-lhe o que pretendia fazer.

Ambos se agacharam involuntariamente e esperaram ali que a cólera do vento se aplacasse. O cavalo murchara também as orelhas com ar descontente e agitava a cabeça. Assim que a rajada passou, Nikita descalçou as luvas, enfiou-as no cinto, aqueceu as mãos com o próprio bafo e pôs-se a desafivelar as correias da *dugá*.

- Que estás fazendo aí? - indagou Vassílii Andréitch.

- Estou desatrelando. Que mais nos resta fazer? Eu não agüento mais - respondeu Nikita, como que se desculpando.

- Não vamos poder prosseguir?

- Para onde iremos? Vamos matar o cavalo. Bem vê's que ele não pode mais se mexer,

coitadinho - argumentou Nikita, mostrando o animal que se conservava de cabeça baixa, submisso e disposto a tudo e cuja respiração ofegante sacudia-lhe os flancos empapados de suor. - Temos que passar a noite aqui - declarou - como se se tratasse de dormir num albergue.

E começou a desfivelar a correia que prendia o cabresto do cavalo.

As fivelas se abriram.

- Não iremos morrer de frio? - perguntou Vassílii Andréitch.

- É bem possível. Mas como escapar disso? - respondeu Nikita.

- VI -

Vassílii Andréitch, debaixo de suas duas peliças, estava mais que aquecido, principalmente depois do esforço que fez para tirar o cavalo e o trenó do monte de neve. Mas sentiu um frio na espinha quando compreendeu que teriam mesmo de passar a noite em pleno campo. Para tentar acalmar-se, sentou-se no trenó e tirou do bolso os cigarros e uma caixa de fósforos.

Enquanto isso, Nikita desatrelava o cavalo. Desafivelou a barrigueira, a pequena sela, as rédeas e as tiras de couro e retirou a dugá, sem parar de falar com o animal e de o encorajar.

- Vamos, sai daí! - dizia-lhe ele, puxando-o de entre os varais. - Vou te amarrar, vou te dar um pouco de palha e vou tirar-te o freio.

E fazia o que dizia.

- Quando tiveres comido, hás de te sentir um pouco mais alegre.

Via-se, porém, que o discurso de Nikita não conseguia tranqüilizar o Baio, que se mostrava muito inquieto. Sapateava, colava-se ao trenó com as costas contra o vento e esfregava a cabeça na manga de Nikita.

Com um movimento brusco, abocanhou um pouco de palha que estava no trenó, mas dir-se-ia que o fez apenas para não ofender Nikita com uma recusa; logo, porém, concluiu que não se tratava de comer por ora e largou a palha. O vento, no mesmo instante, apoderou-se dela, espalhando-a.

- Agora vamos arranjar um sinal - disse Nikita.

Voltou o trenó de frente para o vento, uniu com a correia da pequena sela as pontas dos dois varais e ergueu-os, apoiando-os contra a parte fronteira do trenó.

- Pronto! Se formos soterrados pela neve, alguma boa alma ficará sabendo pelos varais e virão nos desenterrar - concluiu Nikita, tornando a calçar as luvas depois de as sacudir. - Era assim que os mais velhos nos ensinavam a fazer.

Vassílii Andréitch, tendo aberto a peliça e protegendo-se com as abas do agasalho, riscava um fósforo após outro na caixa metálica; mas suas mãos tremiam e os fósforos que acendia se apagavam imediatamente ou no momento em que os aproximava do cigarro. Até que por fim um deles se inflamou e iluminou pelo espaço de um instante a pele de seu capote, sua mão em cujo dedo índice luzia um anel de ouro e a palha de aveia salpicada de neve que aparecia sob a manta. O cigarro acendeu-se. Ele tirou duas ávidas baforadas; tragou a fumaça e expeliu-a logo em seguida através dos bigodes. Quis continuar fumando, mas o vento arrancou-lhe o cigarro da boca e levou-o para longe.

Aquelas poucas baforadas de fumo alegraram Vassílii Andréitch.

- Já que é preciso, passemos a noite aqui! - declarou em tom decidido. - Espera um pouco - vou arranjar-te uma bandeira. Apanhou o lenço que minutos antes tirara do pescoço e jogara no fundo do trenó, e tendo descalçado as luvas, trepou na parte dianteira do veículo, alçou-se nas pontas dos pés para alcançar a correia que unia os varais e atou firmemente a ela o lenço. O vento, incontinente, se pôs a agitá-lo com violência,

fazendo-o estalar, ora colando-o contra o varal, ora enfunando-o como uma vela.

- Ficou ótimo! - exclamou Vassílii Andréitch, admirando a sua obra e instalando-se no trenó. - Se ficássemos os dois juntos nos aqueceríamos melhor - acrescentou -, mas não há espaço para dois.

- Eu arranjarei um lugar - disse Nikita. - Mas é preciso cobrir o cavalo, pois ele está banhado em suor, o pobrezinho. Deixa-me passar - prosseguiu e, aproximando-se do trenó, retirou a manta que estava por baixo de Vassílii Andréitch.

Dobrou-a em duas e depois de retirar a retranca da pequena sela, cobriu com ela o Baio.

- Assim ficarás um pouco mais quente, tolinho! - murmurou, recolocando a retranca e a pequena sela por cima da manta. Quando acabou, aproximou-se de novo do trenó.

- Não vais precisar da serapilheira, não é? E dá-me também um pouco de palha.

Depois de tirar de sob Vassílii Andréitch a serapilheira e a palha, Nikita foi para trás do trenó, cavou um buraco na neve, forrou-o com a palha e depois de enterrar o gorro até o nariz, enrolou-se no seu cafetã, cobriu-se com a serapilheira e sentou-se sobre a palha, encostando-se ao trenó que o resguardava do vento e da neve.

Vassílii Andréitch observava a manobra de Nikita, sacudindo a cabeça com ar desaprovador; aliás, reprovava sempre a ignorância e a burrice dos camponeses.

Achou, então, que era tempo de, por sua vez, instalar-se para enfrentar a noite.

Juntou a palha que restara no fundo do trenó, amontoou-a à guisa de travesseiro para apoiar-se

de lado e, tendo enfiado as mãos nas mangas, deitou-se, com a cabeça apoiada à parte fronteira do trenó que assim o protegia do vento.

Não tinha vontade de dormir. Refletia: refletia sempre na mesma coisa, no que constituía o único objetivo, o significado, a alegria e o orgulho da sua existência - o dinheiro que ganhara e que ainda podia ganhar, o dinheiro que possuíam as outras pessoas que conhecia, os meios pelos quais elas tinham feito fortuna e os processos graças aos quais poderia, como elas, ganhar ainda muito dinheiro. A compra da floresta de Goriátchkino tinha para ele uma importância imensa; esperava auferir desse negócio gordos lucros - talvez uma dezena de milhares de rublos. E começou a avaliar em imaginação a floresta que percorrera no outono e cujas árvores contara numa extensão de dois hectares.

"Os carvalhos fornecerão madeira para trenós e também madeira para construção e cada hectare dará bem trinta *ságens* de lenha. De cada hectare, portanto, tirarei por baixo vinte e cinco rublos. A floresta tem, ao todo, cinqüenta e seis hectares. Cinqüenta e seis hectares, cinqüenta e seis centenas e mais cinqüenta e seis centenas, e cinqüenta e seis dezenas mais cinqüenta e seis dezenas, mais cinqüenta vezes cinqüenta e seis."

Viu que tudo somado daria mais de doze mil rublos, mas sem as bolas de somar não podia encontrar a quantia exata. "Não darei mesmo dez mil rublos, mas oito mil, descontando as clareiras. "Engraxarei" o agrimensor, correndo-lhe uns cem ou cento e cinqüenta rublos de gratificação e ele me medirá aí uns cinco hectares de clareiras. Sim, ele me cederá pelos oito mil. Dou-lhe imediatamente uma entrada de três mil rublos.

Isso o amolecerá, na certa!" Tateou com o cotovelo a carteira que tinha no bolso. "Como pudemos perder-nos depois de termos passado a curva? Só Deus sabe! A floresta devia ser aqui e a cabana. Mas não se ouve ladrar os cães. Os malditos não ladram quando a gente precisa deles."

Abaixou a gola e apurou o ouvido; mas não se ouvia mais que os assobios do vento, o estalar do lenço amarrado aos varais e o ruído da neve que fustigava o trenó. Tornou a cobrir-se.

"Se soubéssemos, teríamos dormido na aldeia. Mas não há de ser nada. Amanhã chegaremos. Não perderemos mais que um dia. Com um tempo destes, os outros também não moverão uma palha." E lembrou-se que no dia 9 teria que receber o dinheiro do magarefe. "Ele queria vir pessoalmente, mas não me encontrará. Minha mulher não saberá nem sequer receber esse dinheiro. Tem muito pouca instrução, na verdade. Nem sequer tem maneiras." E lembrou-se que ela não tinha sabido conduzir-se na presença do chefe do distrito que na véspera fora à festa em casa deles. "Naturalmente uma mulher! Sabe-se já o que pode ser isso! Que é que ela viu? No tempo de meus pais que era a nossa casa? Quase nada! Apenas a casa de um camponês rico: um barracão, um albergue, era tudo o que se tinha. E eu, que consegui em quinze anos? Um armazém, duas tavernas, um moinho, um celeiro de trigo, duas glebas arrendadas, uma casa com um galpão, tudo isto, coberto de chapas de ferro", dizia consigo mesmo cheio de orgulho. "É bem diferente do tempo de meu pai! Hoje em quem é que se fala em toda esta zona? Em Brekhunov!"

"E por que isso? Porque eu trabalho. Não sou como os outros, os preguiçosos ou os que se ocupam com besteiras. Eu não durmo de noite. Faça bom ou mau tempo, sigo viagem. É assim que os negócios vão pra frente. Eles pensam que dinheiro se ganha assim, brincando. Não, tens que penar e quebrar a cabeça. Passa a noite como hoje em pleno campo e não dorme. À custa de refletir, a gente acaba, por assim dizer, fazendo dos pensamentos travesseiro" - refletia com orgulho. "Pensam que é possível a gente vir a ser alguém graças à sorte. Os Mironov agora estão milionários. E por quê? Trabalha! E Deus te ajudará. - Só peço a Deus que me dê saúde!"

E a idéia de que poderia tornar-se milionário como aquele mesmo Mironov que saíra do nada, transtornou a tal ponto Vassílii Andrétch que ele sentiu necessidade de falar com alguém. Mas não havia ninguém ali com quem falar.

Ah! se estivesse em Goriátchkino teria conversado com o proprietário e ele haveria de ver.

"Que vento! Vamos ficar tão profundamente soterrados na neve, que amanhã não poderemos mais sair daqui" - disse consigo mesmo, apurando o ouvido na direção dos turbilhões de neve que fustigavam a parte da frente do trenó. Soergueu-se e relanceou o olhar em torno: naquela penumbra esbranquiçada, não se distinguia senão a cabeça escura do cavalo, seu dorso sob a manta que o vento agitava e sua grossa cauda amarrada em nó. Em derredor, por todos os lados, pela frente e por trás, agitavam-se trevas leitosas, monótonas e ondulantes, que por momentos pareciam tornar-se mais claras, mas logo se tornavam ainda mais densas.

"Fiz mal em dar ouvidos a Nikita - pensava Vassílii Andréitch. - Devíamos prosseguir. Haveríamos de chegar a algum lugar. Quando mais não fosse, voltaríamos para Gríchkino e lá pernoitaríamos em casa de Tarass. Ao passo que agora temos que passar a noite inteira aqui. Ah, sim, mas que foi mesmo que eu lembrei de agradável? Sim, é que Deus abençoa o trabalho e não dá nada aos preguiçosos nem aos imbecis... Ah! Eh! Eu preciso fumar!"

Sentou-se, tirou do bolso a cigarreira e deitou-se de bruços, puxando a aba da peliça para proteger a chama do fósforo; mas o vento conseguia sempre passar por baixo da peliça e apagava os fósforos uns após outros. Por fim, Vassílii Andréitch conseguiu que um deles se inflamasse e se pôs a fumar. O fato de ter, apesar de tudo, conseguido fazê-lo, causou intenso júbilo a Vassílii Andréitch. Embora quem mais tivesse fumado o seu cigarro fosse o vento, Vassílii Andréitch conseguiu tirar duas ou três baforadas e sentiu-se reanimado. Tornou a deitar-se, cobriu-se cuidadosamente e se pôs de novo a pensar no passado e a sonhar com as suas riquezas futuras; depois, bruscamente, seus pensamentos se embrulharam e ele adormeceu.

Mas, de súbito, sentiu como que um choque e despertou. Teria sido o Baio que tentara puxar alguns fios da palha sobre a qual estava deitado, ou teria sido um choque interno? Fosse o que fosse, o fato é que despertou e que seu coração começou a bater com tanta força e com tal rapidez, que lhe pareceu; que o trenó tremia debaixo dele. Abriu os olhos. Nada havia mudado em torno de si; todavia, pareceu-lhe que estava mais claro. "Está começando a clarear - disse de si

para si -, certamente não tarda amanhecer". Logo, porém, lembrou-se de que estava mais claro devido à lua. Soergueu-se e lançou primeiro um olhar ao cavalo. O Baio continuava de pé, de costas voltadas para o vento e tremia. A manta, branca de neve, tinha uma das pontas revirada; a retranca escorregara e agora se distinguia melhor a cabeça do animal polvilhada de neve e com a franja e a crina arrepiadas. Vassílii Andréitch inclinou-se por sobre a parte traseira do trenó e procurou ver o que era feito de Nikita. Este continuava sentado na mesma posição. Seus pés, bem como a serapilheira com que se cobrira, haviam desaparecido sob espessa camada de neve. "Tomara que não morra de frio! Suas roupas não valem nada. E, por fim, ainda serei eu o responsável. Que gente estúpida! O que faz a falta de instrução!" - pensou Vassílii Andréitch. Quis tirar a manta que cobria o cavalo e colocá-la por cima de Nikita; mas pensou que iria sentir frio se levantasse e não se mexeu; além do mais, temia que o cavalo se resfriasse. "Por que haveria eu de trazê-lo comigo? A culpada foi ela" - pensou Vassílii Andréitch, lembrando-se de sua mulher, a quem não amava. Deixou-se escorregar de novo até o fundo do trenó. "Meu tio passou assim uma noite inteira na neve - pensou de súbito - e não lhe aconteceu nada". Mas lembrou-se imediatamente de um outro caso: "Sim, mas Sevastiános, esse, quando removeram a neve que o cobria, estava morto, rígido, como um pedaço de carne congelada".

"Se eu tivesse ficado em Gríchkino nada teria acontecido." E depois de embrulhar-se cuidadosamente na peliça para que o calor da pele não se perdesse, mas o envolvesse por todos

os lados, no pescoço, nos joelhos, na planta dos pés, fechou os olhos e tentou readormecer. Mas, apesar de todos os seus esforços, não conseguia mais conciliar o sono; sentia-se, ao contrário, esperto e excitado. Recomeçou a contar os seus ganhos e o que lhe deviam; recomeçou a gabar-se diante de si mesmo e a regozijar-se com a sua bela situação; mas seus pensamentos eram agora constantemente interrompidos por um surdo terror e pelo arrependimento de não ter ficado em Gríchkino. "Teria sido bem diferente; a estas horas eu estaria deitado num banco, bem aquecido!..." Virou-se diversas vezes, tornando a deitar-se, à procura de uma posição mais cômoda que o protegesse mais do vento; nada, porém, o satisfazia. Levantava-se, deitava-se de outro jeito, tornava á cobrir os pés, fechava os olhos e ficava quieto um instante. Mas ora eram as pesadas botas de feltro que lhe apertavam os pés, ora era o vento que se metia por alguma fresta. E ele voltava a pensar, cheio de rancor contra si próprio, como poderia estar bem no cálido ambiente da isbá de Gríchkino; tornava a levantar-se, tornava a virar-se, embrulhava-se melhor e tornava a deitar-se.

Por um momento, Vassílii Andréitch julgou ouvir ao longe um canto de galos. Todo alegre, abaixou a gola da peliça e se pôs a ouvir mais atentamente. Mas, apesar de toda a sua atenção, nada percebeu além do barulho do vento que soprava contra os varais, fazendo estalar o lenço, e o crepitar da neve batendo contra os lados do trenó.

Nikita não se mexera mais depois que se instalara por trás do trenó e nem sequer respondia a Vassílii Andréitch, que por uma ou duas vezes o

interpelara. "Nem se importa! Provavelmente está dormindo" - pensava com raiva Vassílii Andréitch, inclinando-se por sobre a parte de trás do trenó e contemplando Nikita coberto de neve.

Vassílii Andréitch levantou-se e deitou-se umas vinte vezes pelo menos. Parecia-lhe que aquela noite não teria mais fim. "Agora, sem dúvida, o dia deve estar próximo" - murmurou, afinal, levantando-se e relanceando o olhar em torno. "Se eu puxasse o relógio! Se me descobrir, sentirei frio. Mas, se verificar que está amanhecendo, me reanimarei. Poderíamos atrelar de novo o animal."

No fundo de sua alma, Vassílii Andréitch sabia que o dia devia ainda estar longe; mas seu medo crescia cada vez mais e ele queria a um só tempo certificar-se do seu sentimento e mentir a si próprio. Abriu com cautela os colchetes da peiça e enfiando a mão por baixo dela, tateou durante muito tempo até encontrar o colete. Com muito custo conseguiu puxar o relógio de prata ornado de flores de esmalte e procurou ver as horas. Mas sem acender um fósforo nada se podia ver. Deitou-se, apoiado aos cotovelos e aos joelhos como já o havia feito antes quando acendera o cigarro e, agindo dessa vez com mais cuidado, apalpou com os dedos os fósforos, escolhendo o mais grosso deles e logo à primeira tentativa conseguiu acendê-lo. Colocou o relógio sob a chama, olhou e não pôde acreditar no que seus olhos viam... Eram somente meia-noite e dez. A noite estava apenas principiando.

"Oh! que noite comprida!" -, murmurou de si para si Vassílii Andréitch; um calafrio de gelo percorreu-lhe a espinha. Tornando a abotoar-se e

a cobrir-se com todo o cuidado, deitou-se num canto do trenó, disposto a encher-se de paciência.

De repente, em meio ao monótono ulular do vento, ouviu nitidamente um novo rumor - o rumor de um ser vivo. O ruído cresceu progressivamente, desdobrou-se, depois diminuiu de intensidade com a mesma regularidade. Era um lobo; nesse ponto não havia a menor dúvida. E esse lobo estava tão perto, que se ouviam com clareza as modulações que ele imprimia à sua voz enquanto movia as mandíbulas. Vassílii Andréitch, afastando a gola, ficou atentamente à escuta. O Baio também ouvia, sacudindo as orelhas. E quando o lobo acabou de uivar, sapateou um pouco e bufou à guisa de advertência. Depois disso, Vassílii Andréitch não só não pôde mais dormir, como nem sequer conseguiu mais lutar contra a própria inquietação. Por mais que se esforçasse por reconduzir seus pensamentos para os seus negócios, para a sua situação e a sua riqueza, o medo cada vez mais o dominava; todos os seus pensamentos giravam em torno do arrependimento de não ter ficado em Gríchkino.

"Que Deus a tome, a tal floresta! Eu tinha tantos negócios vantajosos sem precisar dela, graças a Deus! Ah! eu devia ter pernoitado em Gríchkino!" - repetia-se. "Dizem que o frio toma conta da gente principalmente quando se bebe. Ora, eu bebi." E, prestando atenção às suas sensações, percebeu que começava a tremer de medo ou de frio. Tentou cobrir-se e deitar-se como antes, mas não o conseguiu. Não conseguia mais permanecer quieto no mesmo lugar. Tinha vontade de levantar-se, de fazer alguma coisa para sufocar o terror que crescia dentro dele e contra o qual se sentia impotente. Tirou

novamente do bolso um cigarro e os fósforos; mas só lhe restavam três e dos piores. Nenhum deles acendeu.

"Que o diabo te leve, maldito!" - praguejou, sem que se soubesse contra quem e atirou longe o cigarro todo amarrotado. Quis atirar também a caixa de fósforos, mas pensou melhor e meteu-a no bolso. Uma tal inquietação o invadiu que não foi mais capaz de ficar onde estava. Saiu do trenó e, colocando-se de costas para o vento, pôs-se a desamarrar o cinto para enrolá-lo em seguida em torno da cintura e tornar a apertá-lo.

"De que me serve ficar aqui esperando a morte? Vou montar no cavalo e tocar para frente!" - disse de súbito. "Com um cavaleiro o animal há de safar-se. Quanto a ele, tanto lhe faz morrer - acrescentou pensando em Nikita. - Sua vida nada tem de alegre; pouco se lhe dá. Mas eu, graças a Deus, tenho de que viver..."

E tendo desamarrado o cavalo, colocou-lhe o freio e quis montá-lo; mas a peliça e as botas estavam tão pesadas que ele caiu. Ficou então em pé sobre o trenó para alcançar o lombo do cavalo; mas o trenó oscilou sob o seu peso e ele tornou a cair. Por fim, na terceira tentativa, foi mais feliz: trouxe o cavalo para perto do trenó e depois de colocar prudentemente o pé no rebordo do veículo, conseguiu deitar-se de bruços atravessado sobre o lombo do animal. Depois de ficar deitado assim alguns instantes, conseguiu após dois ou três impulsos passar uma das pernas por cima do cavalo e montá-lo com os pés apoiados sobre a correia da retranca. A oscilação que Vassílii Andréitch imprimiu ao trenó, despertou Nikita; este se soergueu e Vassílii

Andréitch julgou que ele lhe dissera qualquer coisa.

- Eu seria uma besta se fosse dar ouvido a imbecis da tua marca! Que estás pensando? Então vou deixar-me ficar aqui para morrer a troco de nada? - gritou Vassílii Andréitch.

E, puxando sobre as pernas as abas da peliça, que o vento fazia esvoaçar, tocou o cavalo na direção em que supunha ficarem a floresta e a cabana do guarda.

- VII -

Desde o momento em que se sentara, envolto na serapilheira por trás do trenó, Nikita permanecera imóvel. Como todos os que vivem junto da natureza e conhecem a miséria, era paciente e podia esperar horas, dias inteiros sem experimentar nem inquietação nem irritação. Ouvira os chamados do amo, mas não respondera porque não queria nem se mexer, nem falar. Embora ainda se conservasse quente devido ao chá que tomara e ao exercício que fizera, movimentando-se no monte de neve, sabia que aquele calor não se conservaria por muito tempo e que ele não teria forças para reaquecer-se, movimentando-se, pois se sentia tão fatigado quanto um cavalo quando pára e nem à custa de chicotadas tem ânimo de prosseguir e seu amo compreende que é preciso alimentá-lo para que ele possa recomeçar a trabalhar. Um de seus pés, o da bota furada, já estava frio e não sentia mais o dedo grande. Aliás, o frio lhe ia pouco a pouco invadindo todo o corpo. Veio-lhe então ao espírito o pensamento de que podia, de que devia provavelmente morrer naquela noite; mas esse pensamento não lhe pareceu muito desagradável, nem demasiado assustador. Não lhe pareceu muito desagradável porque sua existência nunca fora uma festa contínua, mas, pelo contrário, uma contínua servidão, da qual principiava a sentir-se cansado. E essa idéia não lhe pareceu muito assustadora porque, pondo de parte os senhores

que servia na terra, entre os quais figurava Vassílii Andréitch, sempre sentia que dependia nesta vida do verdadeiro Senhor, daquele que o enviara a este mundo; e sabia que, morrendo, continuaria a depender desse Senhor e que esse não lhe faria mal. "É uma pena ter de abandonar tudo aquilo com que a gente viveu, com que se está habituado! Mas que fazer! É preciso também se habituar ao que é novo. E meus pecados?" - indagou de si mesmo. E lembrou-se das suas bebedeiras, do dinheiro que gastara bebendo, dos maus tratos infligidos à sua mulher, das pragas que rogara, da igreja onde só de raro em raro aparecia, do jejum que não observava e de todos os pecados que o padre lhe imputava no confessionário. "Sim, é verdade, meus pecados são muitos. Mas serei eu o culpado? Foi Deus quem me fez assim. Que pecados! Mas como evitá-los?"

Assim pensava no que poderia suceder-lhe aquela noite. Mas depois não pensou mais e entregou-se às recordações que lhe brotavam espontaneamente do espírito. Ora lembrava-se da chegada de Marfa, das libações dos trabalhadores e da sua promessa, ora de sua partida da aldeia com o amo, na véspera, da isbá de Tarass e das conversas a respeito da partilha; ora do próprio filho ou do Baio que se reaquescia sob a coberta; às vezes também pensava no patrão que fazia o trenó ranger em sua agitação. "O coitadinho deve estar se sentindo bem infeliz por não ter ficado em Gríchkino. Quem é que pode querer abandonar uma existência daquelas! Já conosco a coisa é bem diferente!" Todas essas evocações pouco a pouco se confundiram e ele adormeceu.

Quando Vassílii Andréitch balançou o trenó para poder saltar sobre o cavalo, a parte traseira do veículo sobre a qual Nikita estava encostado, afastou-se e um dos patins bateu-lhe nas costas. Ele despertou e foi obrigado, malgrado seu, a mudar de posição. Esticou a custo as pernas, afastou a camada de neve que as recobria e pôs-se de pé. No mesmo instante sentiu-se dolorosamente trespassado pelo frio. Compreendendo bem o que se passava, chamara Vassílii Andréitch para pedir-lhe que deixasse a manta da qual o cavalo já não mais precisava, mas na qual ele, Nikita, poderia enrolar-se.

Mas Vassílii Andréitch partiu sem lhe responder e desapareceu na poeira de neve que turbilhonava em torno deles.

Vendo-se só, Nikita refletiu por um instante no que ia fazer. Sentia-se cansado demais para sair em busca de algum abrigo. Não podia tampouco tornar a sentar-se no lugar de onde acabava de sair, pois o buraco desaparecera sob a neve. Sabia que não conseguiria reaquecer-se dentro do trenó, pois não tinha com o que se cobrir, visto que seu cafetã e sua peliça não o protegiam mais contra o frio. Sentia tanto frio como se estivesse só de camisa.

Teve medo.

- Pai celestial! - exclamou, e o sentimento de que não estava só, de que Alguém o ouvia e não o abandonaria, tranqüilizou-o. Suspirou profundamente e, sem tirar a serapilheira que lhe cobria a cabeça, trepou no trenó e deitou-se no lugar do amo.

Mas no trenó, tampouco conseguiu reaquecer-se. Um tremor sacudia-lhe o corpo; depois, esse tremor foi cessando e pouco a pouco

perdeu os sentidos. Não sabia se estava morrendo, ou adormecendo, mas sentia-se pronto tanto para uma coisa como para outra.

- VIII -

Enquanto isso, Vassílii Andréitch, castigando o cavalo com as pernas e com a rédea, tocava-o na direção em que supunha, não se sabe por que, que devia encontrar-se a floresta e a cabana do guarda. A neve o cegava e o vento parecia querer detê-lo; mas, inclinado para frente, puxando a todo o momento as abas da peliça e prendendo-as entre as coxas e a pequena sela gelada que muito o incomodava, forçava a marcha do cavalo, o qual, embora com grande sacrifício, trotava na direção para a qual o homem queria ir. Avançaram assim durante cinco minutos, sempre em linha reta, segundo parecia a Vassílii Andréitch, que não via nada além da cabeça do cavalo e do deserto branco que o cercava, que não ouvia senão os assobios do vento junto à gola da peliça.

Súbito, divisou qualquer coisa negra diante dele. Seu coração pulsou alegremente e encaminhou a alimária na direção daquele vulto escuro, julgando já distinguir as paredes das casas da aldeia. Mas o vulto escuro não estava imóvel, não parava de mover-se. Não era nenhuma casa, mas altas artemísias que haviam nascido no fundo de uma vala e que se agitavam desesperadamente sob a força do vento que as vergara para um lado e assobiava por entre seus ramos. E não se sabe por que razão, a visão daquelas artemísias atormentadas pela tempestade implacável, fez estremecer de horror Vassílii Andréitch; tocou o cavalo para frente sem

perceber que, aproximando-se das artemísias, mudara de direção; avançava agora em outro sentido, supondo que ia direito para a floresta e para a cabana. Mas o cavalo virava sempre para a direita e por isso ele o guiava para a esquerda.

Uma vez mais distinguiu qualquer coisa escura à sua frente. Alegrou-se certo de que dessa vez era a aldeia. Mas encontrou a mesma vala e as mesmas artemísias fustigadas pelo vento e que, não se sabe por que, enchiam de pavor a Vassílii Andréitch. Não só eram as mesmas plantas secas, como junto delas distinguiam-se vestígios de patas de um cavalo, que o vento começava a nivelar. Vassílii Andréitch parou, curvou-se, olhou atentamente: um cavalo tinha passado por ali e esse cavalo só podia ser o seu. Evidentemente Vassílii Andréitch estava caminhando em círculo dentro de um pequeno espaço. "Vou morrer, se continuar assim" - disse consigo mesmo; mas, para lutar contra o próprio terror, apressou ainda mais o cavalo, esforçando-se por penetrar com o olhar a bruma nervosa em meio da qual parecia-lhe ver cintilar pontos luminosos, que desapareciam nem bem os fixava. Houve um momento em que julgou ouvir latidos de cães ou uivos de lobos. Mas esses sons eram tão fracos, tão indistintos, que não conseguia certificar-se de que realmente ouvira alguma coisa ou se seria ilusão sua. Parou e apurou o ouvido, esforçando-se por apreender o menor ruído.

Súbito, um grito pavoroso, ensurdecedor, ecoou-lhe aos ouvidos e ele sentiu-se abalado por um tremor convulso. Vassílii Andréitch abraçou-se ao pescoço do cavalo, mas esse pescoço tremia também e o horrível grito tornou-se ainda mais pavoroso. Durante alguns segundos, Vassílii

Andréitch não pôde controlar-se o suficiente para se dar conta do que se passava. Ora, o que acontecera fora simplesmente que para encorajar-se a si próprio, ou talvez para pedir socorro, o Baio se pusera a relinchar com todas as forças dos seus pulmões. "Que a morte o leve, maldito!" - praguejou Vassílii Andréitch. - "Como me assustou!" Mesmo, porém, depois de ter compreendido a causa do seu terror, não conseguiu dominá-lo.

"É preciso refletir, é preciso acalmar-se" - dizia ele a si próprio. Mas sentia-se incapaz de controlar-se e não parava de impelir o animal com pressa cada vez maior, sem ver que estava agora com o vento pelas costas e não mais pela frente como antes. Tinha frio, sentia dores por todos os lados, principalmente no lugar em que seu corpo se achava em contato com a pequena sela; suas mãos e seus pés tremiam; sua respiração estava opressa. Via que ia perecer no meio daquele horrível deserto de neve, mas não encontrava nenhum meio de salvação.

De súbito, o cavalo afundou num monte de neve e ao debater-se tombou de lado. Vassílii Andréitch saltou sobre a neve, fazendo escorregar a pequena sela sobre a qual se apoiara para saltar. Assim que Vassílii Andréitch o libertou, o cavalo reergueu-se, reanimou-se, deu dois saltos e desapareceu da vista do amo, relinchando e arrastando a manta e a retranca. Vassílii Andréitch ficou só, semi-enterrado na neve. Quis lançar-se atrás da sua montaria, mas a neve estava tão alta e suas peliças pesavam tanto que não conseguiu dar mais que vinte passos cambaleantes e parou pondo os bofes pela boca. "A floresta, as glebas, o armazém, as tavernas, a casa de telhas de chapas

de ferro, o galpão, o herdeiro... Que será de tudo isso? Que estará me acontecendo? Não pode ser!" - exclamou bruscamente. Lembrou-se, de súbito, das artemísias fustigadas pelo vento, diante das quais passara duas vezes e um tal pavor o assaltou, que se recusou a crer na realidade do que estava lhe acontecendo. "Não será um sonho?" - indagou; e quis acordar; mas aquela neve que lhe fustigava o rosto, que lhe cobria as roupas e lhe gelava a mão direita, cuja luva se perdera, era bem real; e não podia haver nada mais real do que aquele deserto onde se achava agora só, como aquelas artemísias, à espera de uma morte inevitável, rápida e inepta.

"Mãe do céu! São Nicolau, Mestre da abstinência!" Lembrou-se do ofício da véspera na igreja, do santo de rosto enegrecido numa moldura dourada, das velas que vendia, e que os fiéis acendiam diante daquele ícone e que depois lhe traziam quase inteiras para que ele as escondesse na gaveta do seu cofre. E se pôs a orar a esse mesmo milagroso São Nicolau para que o salvasse, prometendo-lhe uma missa e velas. Mas compreendeu logo, nitidamente, sem nenhuma dúvida possível, que o ícone, os círios, o padre, as missas, tudo isso era muito importante, tudo isso era necessário lá, na igreja, mas que todas essas coisas não lhe poderiam ser de nenhuma valia ali, que entre aqueles círios e aquelas missas de um lado e sua situação desesperadora de outro não havia, não podia haver nenhuma relação.

"Não devo deixar-me abater - pensou. - Eu devia seguir as pegadas do cavalo, pois elas vão desaparecer. Elas me guiarão ou eu o alcançarei. Tudo depende de não me afobar; do contrário

ficarei derreado e então estarei perdido." Mas, embora tivesse resolvido caminhar lentamente, precipitou-se para a frente e se pôs a correr, caindo a todo o momento, levantando-se e tornando a cair. As pegadas já estavam apenas visíveis, principalmente ali, onde a neve não era espessa.

"Estou perdido - disse de si para si Vassílii Andréitch. - Vou perder o rastro do cavalo e não poderei alcançá-lo." Mas, no mesmo instante, erguendo os olhos, divisou uma mancha negra. Era o Baio e era também o trenó e os varais com o lenço. O Baio, com a retranca de atravessado, não se mantinha mais em seu antigo lugar, porém mais perto dos varais e sacudia a cabeça, com a ponta da rédea enrolada numa das pernas. Acontece que Vassílii Andréitch caíra no mesmo monte de neve em que tinha antes afundado com Nikita, que o cavalo o havia reconduzido até junto do trenó e que ele o abandonara depois de uns cinqüenta passos.

- IX -

Abatendo-se junto ao trenó, Vassílii Andréitch agarrou-se ao rebordo do veículo e ficou assim algum tempo de pé, tentando retomar fôlego e acalmar-se. Nikita não estava mais em seu antigo lugar, mas Vassílii Andréitch percebeu no trenó qualquer coisa amontoada e coberta de neve e adivinhou que era Nikita. O terror de Vassílii Andréitch dissipara-se por completo e se ainda temia alguma coisa era precisamente a volta daquele medo atroz que dele se apoderara quando errava a cavalo e mormente no instante em que se achou só, caído no monte de neve. Era preciso, por todos os meios, evitar que esse pavor renascesse e para afastá-lo era necessário agir, ocupar-se com qualquer coisa. A primeira coisa que fez foi, portanto, colocar-se de costas para o vento e desabotoar a peliça. Em seguida, assim que retomou fôlego, tirou as botas e sacudiu-as, a fim de livrá-las da neve que nelas se introduzira; fez o mesmo com a luva esquerda; quanto à luva direita, essa estava irremediavelmente perdida, sepultada já sob a neve. Depois, desafivelou o cinto, recolocou-o mais baixo e tornou a apertá-lo, como tinha o hábito de fazer, quando saía do armazém para comprar as carroças de trigo que os camponeses vinham vender-lhe.

Quando se sentiu pronto para agir, a primeira coisa que lhe veio à mente foi libertar a perna do cavalo. Foi o que fez Vassílii Andréitch; depois amarrou de novo o Baio à parte fronteira do trenó,

no mesmo lugar em que estava antes, e quis passar por trás do cavalo para recolocar a retranca, a pequena sela e a manta; mas, no mesmo momento, viu que qualquer coisa se mexia no trenó: a cabeça de Nikita ergueu-se de sob a camada de neve que a recobria. Com visível esforço, Nikita, a quem o frio já havia tomado inteiramente, ergueu-se, sentou-se e pôs-se a sacudir a mão diante do nariz, como se estivesse espantando moscas. Sacudia a mão e dizia qualquer coisa; Vassílii Andréitch compreendeu que o chamava; deixando então a manta que estava a arrumar no cavalo, Vassílii Andréitch aproximou-se do trenó.

- Que tens? - indagou, dirigindo-se a Nikita. - Que estás dizendo?

- Vê! Estou... mo-mo-morrendo - murmurou Nikita com dificuldade numa voz entrecortada. - O que tu... me deves... entrega-o... ao garoto... ou à minha mulher... tanto faz...

- Que... estás gelado? - indagou Vassílii Andréitch.

- Sinto... que é a morte. Perdoa... em nome do Cristo... - suplicou Nikita com voz chorosa, continuando a agitar as mãos diante do rosto, como se estivesse espantando moscas.

Vassílii Andréitch ficou alguns segundos imóvel e silencioso, depois, bruscamente, com aquele mesmo ar decidido que assumia para bater nas mãos⁶ de um freguês ao fechar um negócio vantajoso, recuou um passo, arregaçou as mangas da peliça e começou a retirar com as duas mãos a neve que cobria Nikita e o trenó. Depois de retirar a neve, Vassílii Andréitch desabotoou a peliça e, empurrando Nikita para o fundo do trenó, deitou-

⁶ Gesto tradicional ao fechar um negócio. (N. da T.)

se por cima dele, cobrindo-o assim com a sua peliça e com o seu corpo tépido. Tendo enfiado as abas da peliça entre as paredes laterais do trenó e Nikita e, prendendo-lhe a barra com os joelhos, Vassílii Andréitch deitou-se sobre ele de bruços, a cabeça apoiada sobre a parte dianteira do trenó. Não ouvia mais agora nem os movimentos do cavalo, nem os uivos do vento, mas procurava ouvir apenas a respiração de Nikita. Nikita permaneceu a princípio longo tempo imóvel, depois suspirou e mexeu-se ligeiramente.

- Aí está! E tu a dizeres: estou morrendo. Fica bem quieto, vê se te reaqueces. Nós faremos assim...

Mas com grande espanto seu, Vassílii Andréitch não pôde continuar, pois seus olhos se encheram de lágrimas e seu maxilar inferior começou a tremer convulsivamente. Parou de falar, esforçando-se por conter o nó que lhe apertava a garganta. "Tive muito medo - pensou - estou muito enfraquecido." Todavia não só aquela fraqueza não lhe era desagradável, como, pelo contrário, o fazia experimentar uma singular alegria que jamais lhe fora dado conhecer.

"Nós faremos assim..." - dizia-se ele, abandonando-se a uma espécie de enternecimento solene muito especial. Ficou assim deitado em silêncio durante muito tempo, enxugando os olhos com a pele do capote e prendendo com o joelho direito a aba da peliça que o vento se esforçava por arrebatá-lo.

Mas o desejo de comunicar a alguém a sua alegria apoderou-se dele com tal força que ele disse:

- Nikita!

- Assim está bom. Estou com calor - respondeu a voz de Nikita por baixo de Vassílii Andréitch.

- Sim, irmão, é isso mesmo. Quase que pereci. Tu terias morrido de frio e eu também...

Mas seus maxilares recomeçaram a tremer e seus olhos uma vez mais; se encheram de lágrimas. Não pôde continuar.

"Não faz mal - pensou. - Sei muito bem o que sei." E calou-se. Assim ficou muito tempo.

A tepidez do corpo de Nikita, deitado por baixo dele e a peliça, que lhe agasalhava as costas, aqueciam-no profundamente entretanto, as mãos de Vassílii Andréitch, que seguravam as abas da peliça, e seus pés, que o vento descobria a todo instante, começavam a gelar de novo. Sentia principalmente frio na mão direita, que estava sem luva. Mas não pensava nem nos seus pés nem em suas mãos. Pensava apenas em reaquecer o homem que estava deitado por baixo dele.

Lançou várias vezes um olhar rápido ao cavalo e viu que o lombo do animal estava descoberto, pois o vento atirara ao chão a manta e a retranca. Disse consigo mesmo que era preciso levantar-se e ir agasalhar o cavalo, mas não tinha coragem de resolver-se a abandonar Nikita, ainda que por um momento, e a perturbar aquela alegria que lhe ia à alma. Não sentia agora nenhum pavor.

"Nada a temer; ele não me escapará!" - dizia, pensando na maneira pela qual reaquecia Nikita, com o mesmo sentimento de satisfação que experimentava quando gabava suas compras e suas vendas.

Uma hora, duas, três, se escoaram assim. Vassílii Andréitch não notava mais a marcha do tempo. No começo revia em imaginação a tempestade, os varais erguidos, o cavalo sob a dugá; pensava também em Nikita deitado por baixo dele. Depois, a essas imagens vieram entremear-se recordações; lembrou-se da festa da aldeia, de sua mulher, do oficial de polícia, da gaveta do cofre onde guardava os círios, e sob a qual surgiu de repente Nikita deitado. Depois viu camponeses que compravam e vendiam, paredes brancas, casas cobertas de lâminas de ferro e sob as quais tornava a encontrar Nikita. Por fim, tudo se confundiu; uma imagem absorveu a outra e do mesmo modo que as várias cores do arco-íris, misturando-se, transformam-se em branco, todas as suas impressões, confundindo-se, desapareceram e ele adormeceu.

Dormiu muito tempo um sono sem visões. Mas, lá pela madrugada, teve um sonho. Viu-se na igreja, de pé junto da gaveta onde vendia os círios. A mulher de Tíkhon compra-lhe um círio de cinco copeques para acender diante do ícone, cuja festa se celebra. Ele quer pegar o círio e dar-lhe, mas suas mãos que conserva fechadas no fundo dos bolsos não o obedecem. Quer contornar o cofre, mas seus pés não caminham e suas galochas novas e reluzentes, estão coladas ao chão; impossível erguê-las. Depois, bruscamente, a gaveta deixa de ser gaveta e transforma-se num leito; e Vassílii Andréitch vê-se deitado de bruços nessa gaveta, isto é, no seu leito, em sua própria casa. Está estendido sobre seu leito e não pode levantar-se; ora, ele precisa levantar-se porque o delegado, Ivan Matvéitch, ficou de vir buscá-lo para irem juntos realizar a compra da floresta. Ou

será para recolocar a retranca do Baio? E Vassílii Andréitch pergunta a sua mulher: "Como é, Nikoláievna, ele ainda não veio?" - "Não - responde-lhe a mulher - ainda não veio." E ouve que alguém está chegando perto do alpendre. É ele, provavelmente. Não, passou sem parar. - "Como é, Nikoláievna, ele ainda não chegou?" - "Não." - E ali, deitado em seu leito, sem poder levantar-se, continua à espera; e essa espera é tão temerosa quanto alegre. De repente, a alegria se completa. Chega a pessoa que Vassílii Andréitch esperava; e essa pessoa não é Ivan Matvéitch, o delegado, é outra e, no entanto, é exatamente quem Vassílii Andréitch esperava. Ela chega e chama-o; e quem o chama é a mesma pessoa que há pouco lhe dissera para deitar-se sobre Nikita e para reaquecê-lo. E Vassílii Andréitch sente-se radiante de alegria pelo fato de essa pessoa o ter vindo procurar. "Já vou!" - exclama cheio de júbilo, é esse grito o desperta.

Desperta, mas desperta completamente diferente do Vassílii Andréitch que adormecera. Quer levantar-se e não o consegue; quer mover a mão - impossível; o pé - impossível também. Quer mexer a cabeça - tampouco. Isso muito o espanta, mas não se sente em absoluto desolado. Compreende que é a morte, mas não se aflige com isso. E lembra-se de que Nikita está deitado por baixo dele, que está aquecido e vivo; e parece-lhe que ele, Vassílii Andréitch é Nikita e que Nikita é ele, e que sua própria vida não está nele, mas em Nikita. Põe-se à escuta e ouve a respiração e até mesmo o leve ressonar de Nikita. "Nikita está vivo, portanto também eu estou vivo" - exclama de si para si, triunfante.

E lembra-se de seu dinheiro, de seu armazém, de sua casa, das vendas e das compras e dos milhões dos Mironov. É-lhe difícil compreender por que aquele homem a quem chamavam de Vassílii Brekhunov se preocupava com todas essas coisas. "Sim, ele não sabia o que era importante" - dizia, pensando em Vassílii Brekhunov. "Não sabia como eu o sei agora. Agora não há mais erros. *Agora eu sei.*" E de novo ouve o chamado daquele que pouco antes o havia interpelado. "Já vou, já vou!" - grita todo o seu ser transbordante de uma terna alegria. E sente que está livre e que nada mais o detém.

E Vassílii Andréitch depois disso não viu, nem ouviu, nem sentiu mais nada neste mundo.

A nevasca continuava. A neve dançava em densos turbilhões e recobria o corpo de Vassílii Andréitch, o Baio gelado que tremia com todo o corpo, o trenó já mais da metade sepulto e, bem no fundo do trenó, sob seu amo morto de frio - Nikita que dormia reaquecido.

- X -

Ao amanhecer, Nikita acordou. Foi despertado por uma sensação de frio que de novo o dominou. Sonhara que voltava do moinho com uma carroça carregada de farinha de trigo e que ao atravessar um riacho não encontrara a ponte e ficara atolado. Vê-se sob a carroça que se esforça para erguer, arqueando os músculos das costas. Mas, coisa estranha! A carroça não se move; dir-se-ia colada às suas costas e ele não pode nem erguer a carroça, nem sair de baixo. Ela lhe esmaga os rins. Deus! Como é fria! É preciso absolutamente que ele saia de baixo dela. - "Basta - diz àquele que lhe esmaga os rins sob a carroça. - Retira os sacos!" - mas a carroça está cada vez mais fria; ela o esmaga. E, de súbito, sente uma batida estranha; desperta por completo e lembra-se de tudo. A carroça gelada é seu amo morto que está deitado sobre ele. E as batidas que sentiu eram o Baio que por duas vezes bateu com o casco no trenó.

- Andréitch! Andréitch! - indaga prudentemente Nikita que pressente a verdade e arqueia as costas.

Mas Andréitch não responde e seu ventre e suas pernas estão tão duros, tão pesados e frios como pesos de ferro fundido.

- Deve estar morto! Que Deus o tenha em sua santa glória! - pensa Nikita.

Vira a cabeça, faz um buraco na neve com a mão e abre os olhos. Está claro. O vento continua-

a assobiar contra os varais e a neve continua a cair, com a diferença de que não mais fustiga os lados do trenó, mas o sepulta silenciosamente, ao trenó e ao cavalo que não se mexe mais e do qual não se percebe mais nem sequer a respiração. "Ele também deve estar morto" - murmurou de si para si Nikita. E, de fato, fora fazendo um supremo esforço por manter-se de pé, que o Baio, completamente inteiriçado pelo frio, conseguira bater no trenó com os cascos, despertando assim Nikita.

"Senhor! Pai Celestial! Também eu vou ser chamado para junto de Ti! Que Tua Santa Vontade seja feita! Estou com medo, entretanto. Mas não se morre duas vezes e de uma não se escapa. Tomara que isto não se arraste!"

Recolhe a mão, fecha os olhos e adormece, bem convencido de que dessa feita vai morrer de uma vez.

Foi somente ao meio-dia do dia seguinte que os camponeses desenterraram Vassílii Andréitch e Nikita a trinta *ságens* de distância da estrada e a meia *verstá* da aldeia.

A neve cobrira completamente o trenó, mas os varais com o lenço ainda permaneciam à vista. O Baio, com neve até a metade da barriga, a retranca e a manta caídas de um lado, conservava-se de pé, todo branco, a cabeça inerte pendida para frente; suas narinas estavam cheias de gelo, bem como os olhos, que pareciam inundados de lágrimas geladas; emagrecera tanto no espaço de uma noite, que não lhe restava mais que a pele sobre os ossos.

O corpo de Vassílii Andréitch estava rígido como um pedaço de carne congelada. Quando ergueram o cadáver, ele continuou com as pernas

escancaradas conforme se deitara por cima de Nikita. Seus olhos de gavião, redondos e salientes, estavam gelados e sua boca, sob o bigode aparado em escova, achava-se entupida de neve.

Nikita, esse, ainda vivia, embora seu corpo estivesse parcialmente gelado. Quando o despertaram, supôs que já estivesse morto e que o que lhe estava acontecendo estivesse se passando não neste, mas no outro mundo. Quando ouviu os gritos dos camponeses que removiam a neve de cima do trenó e retiravam o corpo de Vassílii Andréitch, no primeiro momento mostrou-se espantadíssimo por ver que havia corpos no outro mundo e que os camponeses de lá discutiam como neste; mas quando compreendeu que ainda estava na terra, sentiu-se mais desgostoso do que contente, principalmente quando percebeu que tinha gelados os dedos de ambos os pés.

Nikita passou dois meses no hospital. Amputaram-lhe três dedos; os outros sararam e ele pôde voltar ao trabalho. Viveu ainda vinte anos, continuou a princípio como trabalhador; mais tarde, já velho, tornou-se guarda-noturno. Só este ano foi que morreu entre os seus, na sua casa, como o desejava. Sob os ícones, com uma vela de cera acesa entre as mãos. Antes de expirar, pediu perdão à sua velha, perdoou-a pelo toneleiro, disse adeus ao filho e aos netinhos; e morreu sinceramente feliz por livrar assim o filho e a nora de uma boca inútil e por trocar, desta vez de verdade, esta vida de que já estava farto, por outra que, à medida que os anos corriam, lhe parecia mais compreensível e mais atraente.

Estará melhor ou pior no mundo onde despertou depois da sua morte definitiva? Terá

sofrido uma decepção, ou terá lá encontrado exatamente o que esperava? - Todos nós logo o saberemos.

DADOS BIOGRÁFICO

Leon Tolstói

"Quem busca sua própria felicidade é mau; quem procura ser benquisto pelos outros é débil; quem persegue a felicidade dos outros é virtuoso; quem se propõe chegar a Deus é grande." Tolstói tinha apenas vinte e cinco anos quando escreveu estes apotegmas, que já então eram índices precursores de uma atitude moral. Além disso, seu conteúdo caracterizava o homem. Em sua paixão pelo jogo, pela lascívia, e em seu temperamento tirânico, Tolstói era mau; era débil porque ambicionava a fama e fez continuamente o que sabia que não devia fazer; seu amor pelo próximo fez dele um homem humilde e virtuoso; seu amor a Deus, que se manifesta numa grande variedade de obras e de ações, fez dele uma personalidade augusta. Sua personalidade apresentou quase todas as facetas possíveis, inclusive as opostas. As contradições formavam parte de sua própria estrutura física e moral. Amava a vida rendendo um culto quase pagão a seus apetites, mas praticava a renúncia e considerava o ascetismo integral como sua meta. Sua paixão pela verdade ilumina suas obras, mas não se situava acima de uma lógica retorcida para adaptar esta a suas necessidades. Espiritual até a exaltação, Tolstói

· Fonte: *Os Forjadores do Mundo Moderno*, 2º vol, Loreis Untermeyer, Editora Fulgor, São Paulo, 1966.

foi, também, um narrador mundano. Em sua desconsideração pelas mulheres, chegava ao ofensivo. Mas sua autoridade moral só foi superada pela elevação de seu espírito criador. "Enquanto ele for vivo", - escreveu Chacov em 1899, quando Tolstói se encontrava gravemente enfermo, "o mau gosto literário, toda a vulgaridade, toda a ambição insolente ou chorosa, grosseira ou irritante, manter-se-á afastada nas profundezas da sombra... Enquanto existir um Tolstói será fácil e inclusive agradável ser escritor; inclusive reconhecer que se alguém não fez ou não fará nada, não é tão terrível, porque Tolstói o faz por todos nós".

O conde Lev Nicolaievich Tolstói nasceu a 28 de agosto de 1828 (segundo o antigo calendário russo), na suntuosa propriedade familiar de lasnaia-Poliana (Bosque Claro), cerca de duzentos e sessenta quilômetros ao sul de Moscou. A linha familiar dos Tolstói podia ser apreciada até vinte gerações atrás. No século XVII, Peter Andreievich Tolstói foi um favorito de Pedro, o Grande. O pai de Lev foi educado segundo as normas da burguesia latifundiária da época; prestou serviço no exército que derrotou Napoleão, foi feito prisioneiro e enviado a Paris. Quando voltou à Rússia, depois da morte de seu pai, a herança estava tão carregada de dívidas que se negou a aceitá-la. E como tinha a seu cargo a responsabilidade de sustentar sua mãe e sua irmã, fez o que sabiam fazer os jovens nobres russos: casou-se com uma mulher rica. Sua esposa não era apenas uma mulher rica, mas de sangue real. Era a princesa Maria Nicolaievna Volconsqui, uma solteirona sem atrativos, cinco anos mais velha que ele - tinha trinta e dois anos

ao se casar - mas mulher extraordinariamente inteligente e com fumaças de intelectual que falava cinco idiomas, e que manejava com grande perícia os oitocentos servos colonos que cultivavam as vastas extensões de Iasnaia-Poliana. Deu cinco filhós a seu marido: Lev foi o quarto, e depois dele vinha uma irmã.

Lev perdeu seus pais quando não tinha ainda saído da infância. Sua mãe morreu quando ele tinha dois anos, e seu pai, sete anos depois.

Viveu com uns parentes e sua educação esteve a cargo de preceptores particulares. Estes consideravam-no um menino brilhante e promissor. À medida que se desenvolveu seu caráter, tornaram-se evidentes outros traços tais como a tenacidade, um grande orgulho e um temperamento marcadamente introspectivo. Engendrou-se nele certo complexo, motivado por sua consciência de não ter um aspecto atraente - parecia-se com a mãe, mais que com seu bem-apegoado pai - e, como resultado, em seu caráter destacou-se a timidez, o sentido da responsabilidade e a falta de graça. A impressão de ser diferente dos demais foi a causa de ter sempre poucos amigos, a sua capacidade de penetração no caráter das pessoas granjeou-lhe apenas o afeto de alguns íntimos que o admiravam.

Tinha treze anos quando sua tia e tutora, Alexandra, morreu e a irmã desta, sua tia Pelageia, mudou-se com a família para sua cidade natal de Kazan. No tempo devido, Lev ingressou na Universidade de Kazan, e aos dezesseis anos era um jovem muito solicitado na cidade. Todavia, não conseguiu desempenhar seu papel como tal. Embora tivesse a preocupação pelo vestuário e

outras ninharias, e embora fizesse o que estava a seu alcance para conduzir-se como um jovem superficial, revelava uma incapacidade congênita para se desenvolver naquele ambiente de trivialidades sociais. Diferentemente de outros jovens dissipados, não foi capaz de entabular aventuras breves com mulheres casadas ou devaneios com as solteiras; e como era um rapaz de temperamento marcadamente sexual, freqüentou os bordéis. A primeira anotação que aparece em seu diário começa quando tinha dezenove anos e se refere a um ataque de gonorréia "procedente das fontes habituais". Antes de terminar o segundo ano de seus estudos, decidiu abandonar a Universidade; suas notas foram baixas e sua estima por aquele período era menor do que o que havia aprendido. Estava convencido de que seu lugar era Iasnaia-Poliana, que lhe coubera como herança familiar; estava então decidido a transformar-se num latifundiário eficaz e ilustrado. Sua resolução viu-se estimulada por razões filosóficas tanto como por motivos utilitários. "Seria o mais infeliz dos homens se não chegasse a encontrar um objetivo na vida; um objetivo comum e corrente, mas útil, útil porque minha alma imortal, em virtude de seu próprio desenvolvimento, passará naturalmente a uma existência superior mais adequada para ele."

Durante os quatro anos seguintes, na vida de Tolstói alternaram-se estudos práticos em Iasnaia-Poliana e a vida alegre de Moscou. No campo, se propôs melhorar a vida dos servos; na cidade, dedicava-se à vida frívola e contraía dívidas. Fazia propósito de melhorar a moral de sua vida, rompia os propósitos feitos, torturava-se pensando em seus deslizes, renovava seus bons propósitos,

tornava a violá-los e assim se sucedia um desventurado ciclo de proibidade e de indolência, de culpa e de angústia. Seu diário começou a revelar maior profundidade de tom, e cada vez mais descobre as complexidades de sua vida interior.

Aos 23 anos, ingressou no exército, transformando-se num "cavaleiro-voluntário" e, seguindo seu irmão Nicolai, que ingressou no exército antes dele, mudou-se para o Cáucaso na qualidade de cadete. Seu modo de vida irregular continuou, inclusive no acampamento. Ali jogava e teve de vender uma parte de sua propriedade para pagar as dívidas. Viveu idílios apaixonados e violentos com as belas caucasianas, e viu-se obrigado a se submeter a tratamento para se curar de enfermidades venéreas. Reproduziu-se o ciclo de ansiedade e de angústia: confessou que tinha de lutar com suas "três paixões diabólicas": o jogo, a sensualidade e a vaidade. Porém, enfrentava a ação diretamente, esteve a ponto de perecer quando um projétil inimigo atingiu o canhão que ele estava pondo em posição de tiro, e em outra operação foi elogiado por sua valentia. Foi premiado com a cobiçada Cruz de São Jorge; mas, na própria manhã em que a condecoração ser-lhe-ia dada, ficou dormindo em vez de receber a honra que lhe havia sido outorgada, e foi enviado a prisões militares. Sua "plebeidade" tornou-o popular entre os soldados. Embora baixo e magro, era fabulosamente forte; assombrou uma assistência diante da qual se deitou no solo e levantou dois homens que se puseram de pé em suas mãos estendidas. Seus traços eram vulgares - nariz demasiado largo, lábios demasiado grossos, olhos demasiado pequenos, mas quando

se punha a contar casos ou falava na intimidade, em seus olhos aparecia tal expressão, e em seus lábios afluía o sorriso com tamanho encanto, que se tornava realmente cativante.

Embora Tolstói nunca tivesse pensado seriamente antes em escrever, seu diário estava cheio de páginas que eram algo mais que notas e exercícios. Como havia escrito à sua tia Tatiana:

"Lembra-te do conselho que me destes uma vez: que escrevesse romances? Pois o segui... Não sei se o que escrevo virá à luz algum dia, mas é uma atividade que me diverte, e o certo é que persisto nela já durante muito tempo para que pudesse abandoná-la agora". Em julho de 1852, enviou sua primeira obra séria, *Infância*, ao editor de *Contemporâneo*, uma publicação literária importante, da qual esperava obter uma opinião crítica favorável. A revista comprou o conto em seguida, e quando publicado, chamou a atenção dos críticos, que aplaudiram aquele autor de 24 anos ao qual consideravam "um talento desconhecido e notável". *Infância* é um trabalho autobiográfico com alguns traços imaginários. Este tipo de obra foi representativo da obra posterior de Tolstói. Tudo quanto escreveu foi, em grande parte, de caráter autobiográfico, um reflexo e exaltação de experiências e sentimentos pessoais. Em sua primeira obra já acusou um estilo aprimorado; não se percebe falta de desenvoltura nem de maturidade; tudo é evocado com tal compreensão, que afasta toda idéia de afetação e com emoções que nunca são piegas.

Cansado de sua vida de excessos, enfastiado da vida de cadete, e sem pensar em seguir a carreira militar, Tolstói passou a se dedicar à leitura, a escrever e à sua própria formação

intelectual. Dotado de capacidade de assimilação rápida, aprendeu várias línguas, chegou a escrever fluentemente o francês, e sem ajuda de ninguém chegou a dominar o grego de tal forma que suas traduções eram mais perfeitas que as de um professor daquela língua clássica. Experimentou uma sensação de alívio, e ao mesmo tempo um abalo, ao ser transferido, durante a guerra russo-turca, para tomar parte na defesa de Sebastopol. Suas experiências de juventude, entre os 20 e 30 anos, cristalizaram-se num ódio implacável ao exército e numa apaixonada oposição à guerra.

Tinha 27 anos quando se retirou do exército, e apoiado em seu primeiro êxito, e em seus *Relatos de Sebastopol*, deu-se conta de que sua reputação literária estava estabelecida. Durante algum tempo, deixou-se lisonjear pela publicidade, mas o pretensioso e precioso mundo da boemia não era suficientemente aristocrático nem suficientemente tosco para satisfazer suas preferências, e por isso se retirou para Iasnaia-Poliana. Todavia, era demasiado jovem para se resignar a uma vida completamente tranqüila. Inquieto, sem saber precisamente o que desejava, empreendeu uma grande viagem pela Europa, regressou, decidiu casar-se, mas não conseguiu encontrar o tipo de esposa de que precisava. Passava várias horas do dia em seu escritório, mas como surgiram dificuldades sugeridas pela tarefa de escrever, sentia-se assaltado pela idéia de que a inspiração morreria, e então pensava em renunciar a escrever. Os críticos chegaram a suspeitar de que jamais se realizariam aquelas primeiras promessas, e Tolstói não fazia nada, na verdade, para modificar aquelas opiniões.

Com 31 anos encontramos-lo subjugado a um novo projeto: resolveu abrir uma escola para os filhos de seus servos. Depois de algumas tentativas prévias, esporádicas, que fracassaram, para educar os trabalhadores analfabetos, Tolstói chegou à conclusão de que a experiência havia sido insuficiente. Empreendeu então outra viagem a diversos países europeus, em que fez um estudo completo dos respectivos sistemas educativos. Acreditava, piamente, que a educação devia ser livre e voluntária. Afirmava também que, contrariamente às idéias dominantes, segundo as quais a educação devia procurar melhorar a moral, devia servir para moldar o caráter mediante a autodisciplina; buscava (como John Dewey e as escolas experimentais que duas gerações depois refletiram vigorosamente a influência tolstoiana) a forma de desenvolver a capacidade individual desenvolvendo a personalidade específica de cada aluno. As aulas transcorriam numa atmosfera de atividade espontânea; estimulava-se a originalidade. Os círculos pedagógicos da Rússia manifestaram expressa e categoricamente seu desacordo pelas inovações, mas Tolstói insistiu em que as aulas progressivas poderiam transformar-se tanto num lugar de redenção como num laboratório.

Em 1826, operou-se na vida de Tolstói uma transformação completa. Conhecera a família Bers havia alguns anos; o pai era médico, a mãe era anfitriã encantadora e os filhos, em seu conjunto, eram deliciosos. Com 18 anos de idade, Sônia Bers, a filha "do meio", desenvolvera-se, transformando-se numa moça encantadora; com 34 anos, Tolstói descobriu que estava apaixonado por aquela moça. Depois de um período de

ansiosa indecisão, de dúvida na firmeza de seus sentimentos e de temor de que nela não houvesse sentimentos recíprocos, fez a proposta matrimonial à família da moça, que aceitou. Sônia o adorava. Trocaram os diários; não havia segredos entre os dois. A vida de família prometia ser uma vida ideal.

Durante os dezesseis anos seguintes a promessa se tornou quase uma realidade plena. Sósia estimulava a obra literária do esposo, copiava seus volumosos manuscritos e, passo a passo, libertava-o dos cansativos deveres da administração da propriedade. Do matrimônio nasceram 13 filhos. Todavia, embora Sônia estivesse continuamente grávida, sentia repugnância pelo ato físico do amor, e sua notória falta de interesse por este chocava o temperamento ardentemente sexual de Tolstói. Entretanto, o casamento mudou totalmente a orientação da atividade de Tolstói, que começou a escrever estimulado por um alentador impulso. Depois de diversas tentativas fracassadas, Tolstói concebeu um plano satisfatório de uma novela à qual deu o título de *Guerra e Paz*. Nesse livro, Tolstói aparece, indistintamente, com os nomes de Pierre e de príncipe Andréi; mas a personagem feminina mais importante, Natacha, à qual se afeiçoa todo leitor, não foi inspirada por Sônia, e sim por sua irmã mais moça, Tânia. Levou dezessete anos para terminar *Guerra e Paz*. Logo que foi publicada, foi reconhecida como uma obra-prima colossal, um poema em prosa. Em sua *História da Literatura Russa*, D. S. Mirsqui escreve: "*Guerra e Paz* é uma obra avançada de iniciador, uma obra que ampliou, como poucos romances o fizeram, o alcance e a perspectiva de relato

imaginário... Nela destaca a apresentação da guerra como realidade sórdida e carente de romantismo, como a glorificação do "homem natural"... representação satírica da sociedade e da diplomacia... Os personagens de Tolstói não podem ser classificados como outros personagens de romance, e sim como homens e mulheres de experiência realista". Escrita em dois planos, *Guerra e Paz* é uma combinação de espetáculo panorâmico e de drama social. O horror da batalha, a luta de morte dos grandes exércitos, os acidentes da guerra e o sentido da fatalidade aparecem representados em escala jamais tentada por um romancista; mas aparecem também situações domésticas soberbamente descritas em detalhe, clarões luminosos que descrevem uma sociedade bárbara e estéril, bem como a vida, entrelaçada de modo inexplicável, de seres humanos que se tornam inesquecíveis. "Uma das principais aspirações de Tolstói", disse Isaiah Berlin em *A Raposa e o Ouriço*, "foi mostrar o caráter 'real' da vida, tanto do ponto de vista individual, como do ponto de vista social, como o quadro 'real' apresentado pelos historiadores". Em seu monumental estudo, *Leon Tolstói*, Erneste J. S. Simons descobre as profundezas de uma filosofia tolstoiana da história: "Os grandes acontecimentos históricos não dependem, de forma alguma, da vontade de algum indivíduo em particular, nem sequer de personalidades tão poderosas como a de Napoleão. 'ao contrário, os acontecimentos já estão predeterminados. "A história", explicava este autor, "não é escrava dos reis, mas, ao contrário, os reis são escravos da história. Atrás de um acontecimento histórico não há jamais uma única razão causal, mas todo um

conjunto de razões e todas elas ficam fora do controle de um só indivíduo".

Durante os anos de elaboração de *Guerra e Paz*, Tolstói interrompeu a preparação do livro para escrever artigos e contos. Compilou, além disso, uma cartilha, um livro de abecedário para os primeiros anos da escola primária, no qual contou, de novo modo, as lendas populares russas, separando-se dos métodos tradicionais de instrução, tendo sido por isso objeto de ataques. Em 1873, Tolstói começou a escrever *Ana Karenina*, que apareceu em folhetim no *Mensageiro Russo*. O conjunto do romance foi publicado em forma de livro cinco anos mais tarde, quando Tolstói tinha 50 anos.

Sem a grande montagem de *Guerra e Paz*, mas escrita num estilo tão brilhante quanto aquela obra, em sua exposição detalhada, *Ana Karenina* concentra-se num número relativamente reduzido de personagens e oferece um contraste entre os feitos extenuantes da cidade, do ponto de vista espiritual, e a prístina vida sã do campo. Substancialmente, *Ana Karenina* é um estudo do conflito entre a paixão e a moral, a história trágica de uma mulher russa nobre, jovem, bela e sensível, casada com um homem muito mais velho que ela, e que se apaixona perdidamente por um belo jovem oficial. No âmago da luta que sustenta, na qual sucumbe entregando-se, em sua ternura materna e em seu desejo incontido, em suas dúvidas, medo e desespero, Tolstói concebeu e cristalizou no romance um dos tipos de mulher que mais profundamente calaram na história da literatura. Como estudo realista de caráter, *Ana Karenina* apresenta um tipo de mulher completa,

tenaz e compassiva, mas desapiedada, um dos melhores romances do século.

Durante toda a sua vida, Tolstói arrastou um conflito interno; viu-se constantemente acossado por uma sensação esmagadora de pecado e por um temor mórbido e torturante à morte. Quando terminou *Ana Karenina*, suas preocupações tornaram-se tão intensas que lhe era difícil desprender-se delas, e assim a vida que levava tornou-se insuportável. Sentiu a necessidade de sua integração, de uma justificação básica, de alcançar uma situação de certa estabilidade moral. Observou que o simples camponês encontrava na religião não apenas segurança, mas uma situação consoladora e uma preparação agradável para a morte. Chegou à convicção de que esta profunda necessidade espiritual não podia ser encontrada de outro modo. A princípio buscou sua salvação na Igreja Ortodoxa, mas sua mentalidade super-racional não foi capaz de aceitar seus dogmas e rituais. Finalmente, "criou-se" uma religião própria. Explicou as bases desta em *Uma Confissão*, escrita em 1879, que foi comparada às *Confissões de Santo Agostinho* e aos *Eclesiastas*. A religião de Tolstói baseava-se numa aceitação obrigada de um Deus - um Deus universal comum a todos os credos - mas a concepção do ser supremo tolstoiano representa um desvio da divindade de Cristo. Acreditava, todavia, que Jesus, tanto homem como figura lendária, era o mestre mais notável de todos os tempos, o repositório de toda sabedoria. Tolstói sustentava que os Evangelhos e o Sermão da Montanha continham todas as diretrizes inspiradoras de uma vida exemplar (ou divina). Como adversário implacável da guerra, o preceito

"Não resistas a quem personifica o mal" parecia, tomado em seu sentido literal, ser uma expressão da chave para estabelecer a paz na Terra. "Tolstói e Rousseau", escreveu Janko Lavrin em *Tolstói: Um Estudo*, "estavam em desacordo com eles mesmos... Incapaz de pôr em ordem sua complicada vida interior, Tolstói não tinha senão um caminho a seguir: fundir sua vida num molde simplificado". Resolveu combinar, no homem, todo o seu talento a serviço de Deus. "A individualidade representa a debilidade", escrevia a um seu amigo. "Para desprender-se dela devemos encontrar algum objetivo fora de nós mesmos. Devemos esquecer a nós mesmos, diluindo-nos em nossa obra - como se faz ao fabricar sapatos ou ao arar a terra - na obra de toda uma vida". Inimigo da arte concebida como mera expressão da personalidade do artista, ou como arte pela arte, Tolstói insistia que a arte deve ser um veículo para a difusão do evangelho da irmandade e da renúncia. Media tudo - a arte, a educação, a emoção pessoal, o sentimento público e o governo - com a medida de sua crença. Dramas como *O Cadáver Vivente* (conhecido na América com o título de *Redenção*), *O Poder das Trevas* e *A Luz Brilha na Escuridão*, relatos comovedores como *A Morte de Ivan Ilitch* e *Sonata a Kreutzer*, o romance *Ressurreição* e a obra de tese *Que é a Arte* são, deliberadamente, de caráter solidamente moralizador.

A conversão de Tolstói transformou totalmente sua vida pessoal. Os efeitos de tal mudança foram tão imprevistos como ilimitados. Vestiu-se com calças de mujique, com camisas toscas, e geralmente andava descalço. Como, considerava injusto viver sem trabalhar, à custa

dos trabalhos dos outros, começou a servir-se a si próprio. Desde essa época passou a controlar suas paixões e todos os seus apetites; tornou-se mais austero, deixou de fumar e de comer carne, escreveu folhetos sobre o vegetarianismo, sobre a pena capital e sobre o tema da auto-perfeição. Começou a fazer planos para se redimir dos males que o dinheiro acarreta e da servidão que a fazenda impõe. Todos esses princípios, entretanto, eram desagradáveis para Sônia. A esposa via com terror as novas formas de vida adotadas por seu marido. Ela era militante da Igreja Ortodoxa não podia compreender e muito menos simpatizar com os dilemas espirituais que Tolstói apresentava. Além do mais, ele a modelara de acordo com o padrão da mulher moderna perfeita, preocupada apenas com sua família e com o bem-estar desta. Era natural, portanto, que ela, que não era uma camponesa, mas uma condessa, se preocupasse em ampliar a propriedade e os bens, e em aumentar a riqueza, pensando nos filhos. Enfrentando a lógica das demandas de sua esposa, Tolstói, vez por outra, estabeleceu compromissos entre os pontos de vista de ambos os cônjuges. Em vez de se desfazer de sua propriedade como pensou a princípio, transferiu-a para o nome dela; em lugar de eliminar de sua contabilidade os direitos de propriedade de suas obras e de declará-las de domínio público, pô-las também em nome dela. Sônia registrou sua própria assinatura para efeitos de publicidade, preparou e publicou edições especiais das obras de seu marido e, como era uma mulher capaz no campo dos negócios, obteve não poucos benefícios.

A situação era grotesca. Tolstói predicava a austeridade e vivia rodeado de um ambiente de luxo. Não há dúvida de que se sentia torturado por sua diabólica situação de indecisão, minado por aquela debilidade destruidora, mas não foi capaz de fazer nada para superar aquelas contradições. Os peregrinos que começaram a acudir a Tolstói, ao qual consideravam como seu dirigente espiritual, eram recebidos por um mordomo que os introduzia à presença de um conde vestido com uma camisa de mujique, ocupado em fabricar um par de sapatos no banco de um sapateiro remendão. Mas, apesar daquelas contradições ridículas, a influência das doutrinas de Tolstói ultrapassou os limites do círculo de sua dividida família, irradiando em ondas cada vez mais amplas. Formaram-se colônias que procuraram pôr em prática a totalidade das doutrinas tolstoianas. Os jovens russos, que se deram a si mesmos o nome de tolstoianos, fizeram resistência ao recrutamento militar: Suas obras foram traduzidas, e circularam por toda a Europa e a América. Durante o longo período de fome que começou em 1891, Tolstói dedicou-se inteiramente a atividades de socorro, alimentando aldeias inteiras com fundos que recolhia em todo o país. Entre seus 60 e 70 anos, não foi apenas o homem mais conhecido do mundo, mas também o mais venerado em todos os pontos da terra.

Durante os últimos vinte anos de sua vida, o governo representativo da autocracia russa considerou Tolstói como uma ameaça contra a segurança. A censura proibiu muitos de seus livros; muitos deles foram impressos ilegalmente e vendidos na clandestinidade. Os discípulos mais destacados de Tolstói foram encarcerados e

desterrados; o próprio Tolstói esteve submetido à vigilância policial. Com a idade de 73 anos foi excomungado pela Igreja. Segundo Simmons, a excomunhão não foi, como se disse, um simples reconhecimento público de que Tolstói havia renunciado à religião ortodoxa, mas o único ato público mediante o qual o governo podia atacar Tolstói, num esforço para debilitar a estima que cercava o escritor. Embora a doutrina de Tolstói sobre a não resistência fosse substancialmente anti-revolucionária, sua voz, que continuamente se ergueu para protestar contra as injustiças e iniquidades predominantes, era inimiga do Estado despótico "É assim", escreveu Lavrin, "que Tolstói se transformou não só numa espécie de 'consciência de sua época' como, ao mesmo tempo, num estímulo revolucionário. Apesar de sua atitude negativa, tinha atividades revolucionárias e preparou, em grande parte, o terreno para a última revolução, que ocorreu apenas sete anos depois de sua morte".

Na África do Sul, a meio mundo de distância de Iasnaia-Poliana, um jovem pensador hindu, Mohandas Gandhi, leu *O Reino de Deus Está Dentro de Nós* e escreveu a Tolstói, declarando-se seu "humilde partidário". Corresponderam-se, e, em fins de 1910, Tolstói enviou uma extensa carta a Gandhi, expressando-lhe seu desespero por a cristandade se negar a pôr em prática a doutrina de Cristo. "Quanto mais minha vida avança", escreveu Tolstói, "e especialmente agora, quando tenho a impressão real e viva da proximidade da morte, quisera dizer aos demais que tenho a impressão claríssima, e que na minha opinião é de grande importância, de que o que se chama de resistência passiva não, na realidade, senão a

doutrina do amor, não contaminada por falsas interpretações... Logo que a força se misture ao amor, o amor deixa de ser a lei da vida. E como não existiu lei do amor, não existiu lei alguma propriamente dita, exceto a violência, isto é, o poder do mais forte. Assim viveu a humanidade cristã durante dezenove séculos".

Durante sua velhice, Tolstói recebia visitas de pessoas de todas as crenças. Discípulos humildes, bem como poetas famosos, políticos e chefes de Estado vieram render homenagem ao nobre que renunciara aos bens terrenos para demonstrar que "o reino de Deus é alcançado apenas mediante o sacrifício das circunstâncias externas, por amor à verdade". Ao mesmo tempo, a atmosfera discordante do lar de Tolstói rarefez-se em proporção inversa a seu prestígio, constantemente em ascensão. Embora tivesse sido um pai tirânico e um esposo colérico e obstinado na primeira fase de sua vida, foi também um companheiro animoso, inspirador de diversões e brincados; todos os seus filhos o haviam respeitado e amado. Todavia, agora seus próprios interesses pessoais entravam em conflito com as idéias anti-universais peculiares de sua família. Entre ele e os demais membros desta, a comunicação tornou-se menos freqüente a simpatia tornou-se mais difícil. Só sua filha caçula, Aleksandra, fez causa comum com ele; os outros solidarizaram-se com a mãe, em sólida oposição a ele.

Os últimos anos da vida de qualquer pessoa normal costumam caracterizar-se por um relaxamento da tensão que até aí existia na vida dos esposos; nessa idade acaba a inquietude e aparece uma paz que se acentua gradualmente.

Mas não foi esse o caso de Tolstói. Ao contrário, viu-se perpetuamente atormentado e angustiado. A situação resolveu-se por uma luta, por dinheiro, entre Sônia e o principal dos discípulos de Tolstói, V. G. Chertcov, dono de grande fortuna e, como o próprio Tolstói, consagrado a melhorar a vida dos camponeses. Debatiam-se fundamentalmente duas questões. A primeira era a disposição eventual dos direitos de propriedade das obras de Tolstói. Chertcov animava o mestre ancião a dispor, como queria o próprio Tolstói, em seu testamento, a cessão dos direitos de propriedade de suas obras ao domínio público, o que queria dizer que Sônia e seus herdeiros estariam privados do direito de continuar cobrando as regalias advindas das obras de seu esposo e pai. Sônia preocupava-se, igualmente, com o destino de uns diários escritos por Tolstói em segredo e entregues a Chertcov. Todas as situações desesperadas de Tolstói e todo o ressentimento de sua vida haviam sido vertidos nos diários que o autor escreveu durante muitos anos. Agora, no período final de sua vida rota, encontrava-se rodeado de autores de diários. Simmons afirma que "escrevia oito diários diferentes, simultaneamente, nos quais registrava os acontecimentos daquele desventurado lar. Nenhuma querela de família jamais foi tão perfeitamente documentada". O estado mental de Sônia, agravado pelas hostilidades durante muito tempo reprimidas e pelas complicações inerentes à idade crítica, puseram-na à beira da loucura histérica. Tinha certeza de que os diários continham referências desfavoráveis a ela; além do mais, e esta idéia era particularmente perturbadora para a esposa, quem teria os direitos

de publicação depois da morte de seu marido? Sônia chorava e delirava; tentou, não poucas vezes, suicidar-se (embora nunca tivesse tentado em ocasiões em que pudesse consegui-lo de modo efetivo), espionava Tolstói e o acusava de crimes inauditos. Acusou o ancião de 82 anos de manter relações sexuais pervertidas com Chertcov.

Durante trinta anos Tolstói havia transigido. Mas não podia resistir mais. Num frio amanhecer de outubro - eram 6 horas da manhã do dia 28 de outubro de 1910 - Tolstói saiu de Iasnaia-Poliana. Saiu sem rumo fixo; só sabia que não podia permanecer nem mais uma hora naquela casa. Sua filha predileta, Aleksandra, alcançou o pai quando parou no convento em que vivia sua irmã. No dia seguinte, quando pai e filha continuavam sua fuga com destino desconhecido, Tolstói queixou-se de um resfriado. Tinha febre alta quando o trem se deteve na estação de Astapovo, onde o chefe da estação cedeu sua casinha para o enfermo. Em seguida, percebeu-se claramente que Tolstói era vítima de pneumonia. Todo mundo já estava informado da fuga de Tolstói e, por uma declaração de Chertcov, todos sabiam também as causas daquela fuga. O mundo permanecia em suspenso, pendente do leito em que Tolstói jazia. A Astapovo acudiu uma multidão de jornalistas, fotógrafos, funcionários, membros da polícia secreta, discípulos, filhos, filhas e outros parentes; os fiéis e os simplesmente curiosos. Sônia também acudiu; mas, a pedido de Tolstói, impediram sua entrada na casa. Até a manhã de 7 de novembro, quando perdeu a consciência, não permitiram que o visse. Algumas horas mais tarde, o paciente se queixou, respirou com muita dificuldade e assim morreu. Talvez não tenha sido

o artista mais delicado nem a alma mais augusta que jamais viveu em seu país, mas, como Mirski disse, foi a figura mais destacada e a força moral mais vigorosa que há na história da literatura russa.